

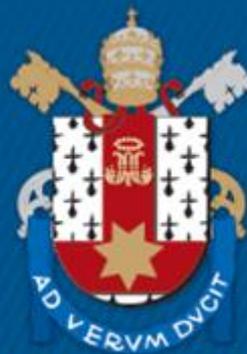
ESCOLA DE HUMANIDADES
CURSO DE ESCRITA CRIATIVA

LIA T. MEDEIROS
(NATÁLIA TEIXEIRA MEDEIROS)

DENTRO DO ABISMO

Porto Alegre
2021

GRADUAÇÃO



Pontifícia Universidade Católica
do Rio Grande do Sul

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE HUMANIDADES
CURSO DE TECNOLOGIA EM ESCRITA CRIATIVA
LIA T. MEDEIROS
(NATÁLIA TEIXEIRA MEDEIROS)

DENTRO DO ABISMO

PORTO ALEGRE
2021

LIA T. MEDEIROS
(NATÁLIA TEIXEIRA MEDEIROS)

DENTRO DO ABISMO

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado à Escola de Humanidades, Curso de Escrita Criativa, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do grau de Tecnóloga em Escrita Criativa.

Orientadora: Profa. Dra. Janaína de Azevedo Baladão de Aguiar

Porto Alegre

2021

LIA T. MEDEIROS
(NATÁLIA TEIXEIRA MEDEIROS)

DENTRO DO ABISMO

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado à Escola de Humanidades, Curso de Escrita Criativa, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do grau de Tecnóloga em Escrita Criativa.

Aprovada em _____ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA:

Profa. Dra. Janaína de Azevedo Baladão de Aguiar

Prof. Dr. Altair Teixeira Martins

Prof. Dr. Luís Roberto Amabile

Porto Alegre

2021

ÀS LANTERNAS

Parece de mau gosto, mas queria começar dedicando este trabalho à vida e à morte. Sem elas, eu não teria saído do mar naquele dia, e com toda a certeza não estaria escrevendo para suicidas de todos os cantos do mundo lerem.

Um dia, um certo autor escreveu uma história para mim. Era um conto curto sobre Caronte, o barqueiro que guiava uma pobre alma para o submundo. Entre reflexões sobre a vida que estava deixando, aquela alma entendeu, ao falar com Caronte, que, ao invés de olhar para o que estava perdendo, ela deveria ser grata por tudo o que teve, pois ele era grato por cada viagem que conduzia. A alma, ao final da jornada, disse “obrigada”, e o barqueiro, com um sorriso, a transformou em luz e a colocou em uma lanterna, junto de todas as almas que haviam sido gratas por aquele tempo com ele.

Hoje carrego a lanterna em meu braço, eternizada em minha pele. Sou grata ao meu namorado, o tal autor do conto, Dio, que me ensinou que a morte de um ente querido é o que fazemos dela: liberdade, salvação, tristeza e até mesmo amor. Na verdade, Dio me ensinou tanto sobre amor que nem teria palavras para começar a agradecer. Mas queria dizer que sem ele eu não seria escritora, eu teria desistido de mim e das minhas histórias. Ele empata com Neil Gaiman no posto de meu escritor favorito; embora, talvez por puro deboche, nem se considere um escritor. A verdade é que nem há como empatar, pois ele já venceu a disputa completamente. Mas não direi isso a ele, caso contrário vai ficar “se achando” demais. Uma coisa é certa: se o meu Menino-Sol escrevesse um livro, eu seria a primeira a ler.

Agradeço também à minha mãe, que me permitiu ser uma artista. Eu penso muito sobre isso quando vejo todos os livros e materiais que tenho, e sei que sem ela eu não teria sido artista e, por tabela, não teria sido eu. Nem sempre nossa relação foi fácil, mas eu sou muito grata por ela ter podido conhecer exatamente quem sou. Eu esperei muito por isso.

E agradeço mais:

À Raquel, minha irmã de alma, que todos os dias ficou do meu lado desde que eu entrei na Escrita Criativa. Ela leu os meus livros e me deixou falar sobre eles porque sabia o quanto eu amava. Olhou as minhas criações com quase tanto carinho quanto eu mesma olho.

À Lauriane, minha amiga de infância que sempre acreditou em mim. Ela foi a primeira pessoa que escreveu para mim, mesmo sem saber que essa era a minha linguagem do amor. Eu guardo os manuscritos até hoje, ela sabe.

À Escrita Criativa, que foi meu lar desde 2018. Nunca havia visto um mundo tão colorido antes dela, nunca havia me sentido tão normal antes de ver todos esses escritores,

entusiasmados, cada um com um sonho na mão. Eu nunca fui uma aberração, mas só entendi isso quando esse curso cruzou meu caminho e lapidou minha maneira de pensar. Eu já era uma escritora, mas, graças à EC, sou melhor. À minha orientadora, a professora Janaína, que me acolheu muito, desde antes de eu ser sua aluna, e que tem visões tão próximas das minhas sobre a vida; sobre amar a vida. Eu gostaria de ser uma professora como ela, e de ter uma biblioteca em casa um dia também.

Aos suicidas, aos que falharam e tiveram a oportunidade de continuar apesar da dor. Aos que buscam a cura. E aos que se foram. Isso é por cada um de vocês também.

Agradeço por último à garota do olho de abismo, à Lia como alguns a conhecem, o meu pseudônimo, que é mais meu nome do que qualquer coisa hoje, a parte de mim que mais amo. Acho que nada mais justo do que dedicar um dos trabalhos mais importantes de minha vida a mim mesma, que estive ao meu lado no abismo e escrevi sobre ele.

Sinto que este trabalho quer dizer que estou descendo do barco de Caronte, com a lanterna na mão, e indo explorar um novo mundo, carregando comigo todas essas luzes.

“Quem combate monstruosidades deve cuidar para que não se torne um monstro. E, se você olhar longamente para um abismo, o abismo também olha para dentro de você.”

Friedrich Nietzsche

RESUMO

Este trabalho faz parte da minha conclusão no curso de Escrita Criativa, área pouco conhecida, mas da qual me orgulho. Sonho com o dia em que não terei de explicar minha formação a ninguém e poderei apenas dizer “Escrita Criativa” com todas as letras, e será tão comum quanto qualquer outra área. Inspirada por minha própria experiência com a depressão e o suicídio, quis trazer um trabalho com o qual espero ajudar pessoas a entender e a buscar ajuda, se necessário. Então, para começar, este trabalho é dividido em duas partes: uma teórica e outra criativa. Na parte teórica, na forma de ensaio, falo sobre o conceito e história do suicídio, e sobre a importância de estabelecermos um diálogo aberto sobre o tema, a partir dos estudos de Bertolote (2012), Solomon (2018), Lenilson (2017), entre outros autores que se debruçaram sobre o tema. Trouxe também a análise de *A redoma de vidro*, de Sylvia Plath (1963), um relato que é um soco no estômago sobre a depressão, a sociedade e a importância do tratamento psiquiátrico. Este trabalho em definitiva é um grito por sobrevivência. A literatura é uma forma de diálogo, e relacioná-la à prevenção do suicídio poderia auxiliar a mudar um destino triste para o qual a sociedade está se encaminhando. Tenho essa esperança, assim como tenho a esperança de que as pessoas vão parar de achar loucos aqueles que querem estudar Escrita Criativa. Minha parte criativa é uma novela intitulada *Notas de um coração dentro do abismo*. Nasce de uma necessidade de expurgar em mim os sentimentos ruins e de mostrar o quanto valorizo a vida.

Palavras-chave: Escrita Criativa. Literatura. Suicídio. Prevenção.

ABSTRACT

This study is part of my conclusion on the graduation of Creative Writing, an unfamiliar area that I'm proud of. I dream of the day I won't have to explain my academic formation to anyone and I can just say "Creative Writing" in every letter and it will be as common as any other area. Inspired by my own experience with depression and suicide, I wanted to bring a study that I hope to help people to understand and seek help if necessary. So, to start, this work is divided into two parts: the theoretical part and the creative one. In the theoretical part, in the form of an essay, I write about the concept and history of suicide, and about the importance of establishing an open dialogue on the subject, based on the studies by Bertolote (2012), Solomon (2018), Lenilson (2017), among other authors who have focused on the topic. I also brought the analysis of Sylvia Plath's *The Bell Jar* (1963), a novel that is as a punch in the stomach about depression, society, and the importance of psychiatry treatment. This work is a cry out for survival. Literature is a form of dialogue and linking it to suicide prevention could help to change a sad fate towards which society is heading. I have that hope just as I hope that people will stop thinking those who want to study Creative Writing are crazy. The creative part is a novel titled *Notes from a Heart Within the Abyss*. It is born out from a need to purge myself from bad feelings and show how much I value life.

Keywords: Creative Writing. Literature. Suicide. Prevention.

SUMÁRIO

OLHOS DO ABISMO.....	10
1 DENTRO DO ABISMO.....	13
2 NOTAS DE UM CORAÇÃO DENTRO DO ABISMO	36
UM ELIXIR DE LÁGRIMAS.....	67
REFERÊNCIAS	68

OLHOS DO ABISMO

Quando eu era criança, tinha medo e fascínio por baleias. Criaturas tão grandes vivendo no mar é algo digno desse sentimento, não? O mar também, imenso, profundo, obscuro e abissal, em parte, é um pouco parecido com a mente, hoje vejo. Tudo isso me fascinava, eu fitava com curiosidade, e espanto.

Eu também tinha insônia. Na verdade, conversando com meu psicólogo atual, entendi que a depressão se formou na minha psique durante a infância, mais especificamente, a partir dos sete anos. A bipolaridade foi um fator que facilitou a entrada de outros transtornos, mas seu maior indício foram os meus traumas. O divórcio dos meus pais, a negligência dos dois comigo após esse acontecimento – e tudo o que veio depois na formação da minha infância e adolescência – me quebraram por dentro. Mas essa não é a questão.

A questão são as incontáveis noites que passei em claro. Eu olhava para o céu escuro por uma fresta na janela e imaginava que tinham baleias nele: brancas, esperando para me engolir. Meus olhos alternavam entre o céu, as árvores e um lampião que ficava pendurado próximo à porta de um vizinho, a única luz na noite. Me lembro de fitar a luz, o céu e implorar que amanhecesse, que o sol chegasse e findasse meu tormento. Eu fitava o meu abismo interior, meus medos e tristezas e queria me jogar dentro dele. Queria me afogar, parar de sentir ou qualquer outra metáfora que se possa utilizar para o suicídio. Eu queria morrer, só não sabia colocar isso em palavras. A alma humana é um buraco fundo.

Se tornou importante para mim conseguir conversar sobre saúde mental, afinal, além de ter vivido a tentativa de suicídio na pele, ao longo da minha vida, percebi que suicidas estão em todo lugar. Transtornos psiquiátricos não têm um rosto, pessoas traumatizadas e machucadas estão por aí, o tempo todo, tentando existir. E, muitas delas, como eu, passaram boa parte de suas vidas procurando motivos para ficar.

O caos rege a humanidade. É como se tudo o que fosse caótico causasse essa sensação de pertencimento. Ele impressiona, pessoas acham belo. Eu mesma sempre achei belo ler e escrever histórias tristes. Sentia que haviam por aí outras pessoas como eu e que, mesmo que me sentisse depressiva, teria minha própria história. Há um sentimento de acolhimento em ler uma personagem com sentimentos parecidos com o nosso. A tristeza em sua forma escrita atrai as pessoas para si, seja para abraçá-las ou para drenar suas energias. Não é tão evidente, tudo tem os prós e os contras, logicamente. Assim como me senti acolhida, também houve vezes em

que a leitura me causou mais tristeza e me levou ao desespero. E a romantização me fez entender que minha morte seria uma opção que deixaria aqueles, ao meu redor, mais felizes.

Com o suicídio não é diferente, a ideia de alguém escolher a morte, independentemente dos motivos, acaba seduzindo todos em torno a essa ideia. Fui pega por esse desejo mais vezes do que gostaria. Sendo eu uma criança depressiva, a morte me era atrativa, isso era visível nas histórias que eu escrevia. A morte sempre estava presente de alguma forma e, talvez, se na época eu tivesse sido tratada por um profissional competente, meus sintomas teriam sido reconhecidos e eu teria sido devidamente medicada. Estava profundamente triste, só me colocava dentro de relacionamentos abusivos, e não tinha maturidade e conhecimento para entender ou reagir a um abuso. Quando as pessoas romantizavam a tristeza que eu sentia, eu achava que estava tudo bem ter aqueles sentimentos, mesmo que não fosse proporcional ou adequado a minha idade. Nenhuma criança deveria ter os sintomas que eu tinha, isso é um fato, e um de meus maiores arrependimentos é não ter sido capaz de proteger a criança que fui. Essa criança merecia ter tido uma infância feliz; e isso foi tirado de mim pela depressão. Disse o meu psicólogo que, quando eu entrar em uma sala de aula para lecionar, provavelmente 95% dos meus alunos terão depressão. E, sinceramente, isso me assusta muito. O que podemos concluir disso é que, neste mundo maluco em que vivemos, a doença está vencendo. Não podemos ignorá-la, precisamos usar nossas vozes para falar sobre o assunto e impedir que mais pessoas escolham se jogar no abismo.

Nestes últimos anos se fala muito mais sobre suicídio, abuso e outros assuntos sensíveis. Não são todas, mas existem pessoas de diversas áreas começando a entender a importância de se dialogar sobre o tema, de instruir e ensinar. E, quando um livro retrata o assunto, ele pode ajudar as pessoas a aprenderem algo, ou pelo menos refletirem um pouco mais sobre suas escolhas. Acredito nisso. Independentemente do gênero literário e do assunto, o aprendizado acontece. Esse é um dos principais motivos de a literatura ser tão fundamental, e ousado dizer temida, na sociedade: ela ensina, conscientiza e acolhe. Enfim, os livros são mestres. São nossa maior ferramenta.

A história do suicídio é também a nossa história como seres humanos, ou seja, desde que o ser humano tomou consciência sobre si mesmo, ele sofre. Está referido nos livros sagrados, está em livros antigos e nos atuais. Perdemos muitas pessoas para esse ato extremo, para a dor. A ideia do suicídio nada mais é do que o ápice de todo esse sofrimento. O abismo que toma vida e nos engole.

Entender de onde isso surgiu e o que podemos fazer sobre o suicídio se trata agora de uma questão de saúde pública. Esse é meu motivo para ficar. A esperança de que meu trabalho, minha voz, seja mão estendida para alguém mais.

Então, começo com a estrutura deste trabalho. Ele se divide em duas partes: o ensaio acadêmico e a monografia criativa.

Em meu texto teórico, na forma de um ensaio, trago o contexto histórico e o conceito de suicídio, assim como sua evolução ao longo dos anos. Analiso a importância da literatura na sociedade e a possibilidade de atribuímos à literatura uma ideia de prevenção do suicídio. Apresento também a análise de *A redoma de vidro*, acompanhada de alguns poemas de *Ariel*, ambos livros da autora Sylvia Plath (1963-1965), e sua maneira sutil, mas ainda assim certa de abordar a importância de tratamento psiquiátrico em sua obra.

Em meu texto criativo, na forma de uma novela, apresento uma personagem que está à beira de um colapso. A narrativa toma por base o conceito do século XVIII e XIX, no qual o suicida cai no estereótipo da insanidade, atrelado completamente à “melancolia”, que seria o termo da época para a depressão. Por mais que a minha liberdade artística me tenha permitido escrever fantasiosamente e sair da caixa sobre o período, tentei me ater aos conceitos e ao tratamento primitivo que os pacientes recebiam, em tom de crítica social.

1 DENTRO DO ABISMO

Para se aprender a valorizar a vida, primeiro precisamos compreendê-la. O ser humano, em seu papel de detentor da autoconsciência, muitas vezes irá se deparar com o próprio abismo. Não nascemos sabendo o quão duro é enxergar o nosso âmago e, principalmente, não nascemos conscientes da solidão que será viver com nós mesmos, a hostilidade da mente e o quanto ela leva pessoas a escolherem desistir.

O suicídio nunca ou quase nunca vem de terceiros, está dentro da vítima. Cabe a nós agora entendermos o porquê.

NOTAS SUICIDAS DA HUMANIDADE

O índice de morte por suicídio vem se agravando dos últimos anos para cá, mas, diferentemente do que muitos pensam, o suicídio – e a depressão atrelada à decisão de dar fim à vida – não são pertencentes apenas à geração atual. Suicídio e depressão estiveram presentes na humanidade desde o princípio. Afinal: a nossa história como seres humanos também é a história do suicídio.

O que é o suicídio e como o suicídio surgiu na cultura e na sociedade?

Para se responder a essa pergunta com precisão, é preciso analisar diversos aspectos da humanidade: história, religião, filosofia, medicina, sociologia, cultura, etc. O termo suicídio abrange muitas áreas e torna-se um conceito delimitado, cuja solução ainda parece um pouco abstrata, tendo em vista a falta de informação e os estigmas sociais. Em 1998, a Organização Mundial de Saúde (OMS) chegou a uma definição sobre o suicídio, que seria o conceito mais atual que temos: “O suicídio é o ato deliberado, intencional de causar morte a si mesmo, um ato iniciado e executado por uma pessoa que tem clara noção ou forte expectativa de resultar em morte” (BERTOLOTE, 2012, p. 21).

Meu principal posicionamento é que, assim como a depressão, o suicídio não tem um rosto. Ele é um fenômeno que atinge toda e qualquer idade, etnia e classe social. A morte voluntária tem sido uma das maiores tragédias da atualidade, atingindo faixas etárias cada vez mais baixas. Hoje, o suicídio é considerado uma das principais causas de morte entre adolescentes, com a incidência aumentando a partir dos 15 anos. E torna-se uma situação

preocupante, quando nos reportamos à situação pandêmica na qual nos encontramos, momento no qual o declínio da saúde mental de todos foi evidente.

Suicídio é o extremo da degradação de uma mente, normalmente um ato de desespero. A escolha da morte é quando se encontra o limite, quando não se está mais fitando o abismo, mas sim dentro dele. A primeira narrativa de um suicida na história que conhecemos foi registrada em um antigo texto egípcio, de estimados 4 mil anos de existência, cujo autor é desconhecido. Esse texto, intitulado “O diálogo de um misantropo com sua alma”, é citado pelo especialista em psiquiatria Bertolote (2012, p. 8):

A morte está hoje diante de mim
(Como) a recuperação diante de um homem enfermo
Adentrando um jardim após a enfermidade,
Como um homem sonha em ver sua casa
Depois de anos em cativo.

Minha familiaridade com o assunto me permite ler nesse poema um estado de sofrimento extremo, o qual levou o autor a ver a morte como uma salvação, um caminho bonito e direto para fora de um momento de desespero. Me pergunto se o autor teria salvação, se em sua época a conscientização sobre a saúde mental existisse.

Há outras menções sobre o suicídio em outros momentos, por exemplo, na Grécia e em Roma, e no Antigo Testamento da Bíblia. A religião cristã, em quase todas as suas vertentes, condena o suicídio como um pecado; outras religiões, como o hinduísmo e o muçulmanismo, condenam como heresia, sendo um desrespeito para com seus deuses. Até o século XVII, o suicídio era um tema tratado dentro da filosofia e da teologia, sendo incluído na psiquiatria apenas no século XVIII. Há pouco suporte e pouco material ainda dentro do campo da medicina, por ser um conceito, teoricamente, ainda recente. Mesmo em 2021, ano em que escrevo este ensaio, temos poucos profissionais preparados para lidar com pacientes suicidas. Não parece haver clínicos com treinamento adequado para receber pacientes suicidas, assim como não há espaços médicos em número suficiente para acolhê-los, como Bertolote (2012) explica. Quase não há discussão sobre esse assunto em escolas, o que penso que seja algo fundamental quando se trata dos adolescentes, e não há tantos programas preventivos como precisaríamos. É responsabilidade do governo dar esse suporte ao povo, mas na prática é algo deixado para trás.

Conforme Bertolote (2012), a maior parte dos casos de suicídio é ainda atrelada à depressão, em conjunto com o alcoolismo e o transtorno bipolar. A mudança de pensamento sobre a abrangência do suicídio se deu graças à associação com a psiquiatria, que foi feita no século XVIII; por mais rudimentares que fossem os tratamentos na época. O primeiro programa

de prevenção do suicídio propriamente dito, conduzido por órgãos de saúde pública, surgiu apenas no século XXI e, a partir dele, os países passaram a aderir a estratégias de prevenção. Antes dele haviam programas realizados por grupos de voluntários, muitas vezes grupos religiosos, mas sem o auxílio dos mesmos órgãos de saúde, e seu foco não era o tratamento psiquiátrico.

Bertolote (2012) explica também que o ideal seria vivermos em um mundo onde formas de suicídio não fossem acessíveis, já que assim, teoricamente, os índices seriam reduzidos, mas afirma que a hipótese é pouco realista. Solomon (2018) vai nessa mesma direção, ao citar o fato de que o suicídio, normalmente, é um ato impulsivo, por isso, uma vez que os meios não estejam à mão, o impulso passa e as pessoas seguem em frente. O pesquisador norte-americano relembra que, ao erguerem barreiras na ponte Golden Gate, os índices de suicídio diminuíram em São Francisco. Assim como diminuíram na Austrália quando o governo restringiu o acesso a armas de fogo.

Com os índices de depressão mais altos do que nunca, segundo a OMS (2021), e com o pouco preparo de profissionais que possam dar suporte a pacientes de risco, o estigma da insanidade volta com força. E, infelizmente, traz mais uma vez argumentos e teorias primitivas sobre a saúde mental que, de maneira retrógrada, faz com que se dificulte o entendimento daqueles que estão enfermos e não sabem que precisam de ajuda.

Bertolote (2012) afirma que, mesmo no campo médico, há pouca informação sobre o suicídio. Profissionais chegaram a colocar, reconhecendo como questão de saúde, todas as esperanças no tratamento medicamentoso. Mas há poucos artigos, e os remédios citados não têm eficiência comprovada no que se refere à prevenção do suicídio. Logo, não há como afirmar que a medicação sozinha seja o caminho certo. Embora eu possa asseverar por experiência que a medicação correta e o acompanhamento de um terapeuta me tiraram da depressão, não tenho como afirmar o fato de que, se eu tivesse tido esses elementos na idade em que tentei suicídio, se teriam me impedido de fazer a tentativa. Infelizmente, só consegui receber tratamento adequado na vida adulta, momento em que julgo ser mais fácil de lidar com pacientes, pois, nem sempre uma criança ou adolescente vai entender a importância que tem aquela uma hora e meia no consultório de um psicólogo – embora na infância o tratamento ocorra muito mais rapidamente, enquanto um adulto pode levar muitos anos para se reconstruir. De todas as pessoas que conheço, eu fui a que mais investiu em terapia, e o fiz porque sabia que o tamanho do sofrimento me levaria cedo ou tarde a outro quadro de depressão profunda, uma dor que espero nunca precisar sentir outra vez. Tendo em vista tudo isso, eu e meu terapeuta constantemente trabalhamos juntos para entender as fontes de tudo o que formou meus traumas,

transtornos e como posso lidar com eles. O método de terapia que utilizo, a terapia de esquemas, vertente da terapia cognitiva comportamental, me explica a raiz do problema para que eu possa, a partir do autoconhecimento, saber o que fazer com ele, mudando assim minha forma de interpretar e reagir a estímulos. Penso que é isso o que os pesquisadores que estudei estavam tentando fazer: compreender o suicídio desde a raiz.

Após o suicídio entrar na área da psiquiatria, a grande questão dos manicômios, no século XIX, se tornou outro problema social grave, considerando os tratamentos desumanos que os pacientes recebiam. Foi necessário que se abrisse outra visão sobre o fato, ou seja: uma visão do suicida como ser humano. Isto é o que são, humanos com uma dor imensa. E precisa-se conversar sobre isso. As pessoas, em geral, ainda têm medo de tocar em assuntos sensíveis, por conta do mito de que, ao perguntar, os riscos de suicídio aumentam. A verdade é que o diálogo salva, traz alívio e não só diminui os riscos, como muitas vezes salva vidas.

Para meu texto criativo, precisei estudar sobre os manicômios, entender suas naturezas e, lendo Foucault, em um prefácio que foi recuperado por Elisabeth Roudinesco (1994),¹ cheguei a um pensamento importante sobre como se trata o suicídio, e na verdade toda a questão da saúde mental, ainda na atualidade. Cito-o: “Não foi a medicina que definiu os limites entre a razão e a loucura, mas desde o século XIX, os médicos foram encarregados de vigiar a fronteira e guardá-la” (FOUCAULT *apud* ROUDINESCO, 1994, p. 7).

Penso que entendo o que ele quer dizer, afinal, ele próprio esteve internado em um hospital psiquiátrico e afirmava que os insanos acabavam, naquelas condições, se tornando mais insanos. Creio que, apesar da reforma psiquiátrica e de toda a mudança na sociedade, o procedimento se repete: não há suporte para a saúde mental e, por conta disso, os índices voltam a crescer cada vez mais.² Os médicos carregam a função de vigiar e guardar as fronteiras da mente e da saúde. Mas, então, por que temos tão pouca informação sobre o assunto? É como se houvesse, além do medo, a constante negação social da gravidade de nossa situação promovida pela falta de informação.

¹ Nas palavras de Roudinesco (1994, p. 7-8): “Michel Foucault defendeu sua tese em 20 de maio de 1961 diante de uma banca composta por Henri Gouhier (presidente), Georges Canguilhem (relatar) e Oaniel Lagacbe. O título original era *Folie et déraison, histoire de la folie à l'âge classique*. Apresentado à editora Gallimard, o trabalho seria recusado por Brice Parain, apesar da opinião favorável de Roger Caillois. Seria publicado pela Plon no outono, graças a uma sugestão de Philippe Ariès. Essa primeira edição, hoje esgotada, inclui um curto prefácio que Michel Foucault suprimirá na edição de 1972 (Gallimard). Ele também modificará o título, conservando apenas *Histoire de la folie à l'âge classique*”.

² Para mais informação ver: Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS). Disponível em: <https://www.paho.org/pt/topicos/suicidio>. Acesso em: 3 nov. 2021.

Ao final do século XIX, o pai da sociologia, Émile Durkheim (2014), estudou o suicídio e propôs ser este um fenômeno sociológico. Sua teoria colocava o suicídio como um “fato social”, que seria uma força independente se opondo ao indivíduo. Para Durkheim (2014), tem-se como suicídio toda e qualquer morte causada pela própria vítima, seja intencional ou não. Existem os casos em que o suicídio é dado por algum problema psiquiátrico, não só a depressão. O sociólogo analisa não só estes, mas os casos cujas vítimas não possuíam nenhum histórico psiquiátrico, atrelando estes à sociedade; por exemplo, a uma pressão social ou à economia. O caso da pressão social também é mencionado por Solomon (2018), quando traz a própria experiência em ter perdido a mãe e um amigo para o suicídio – amigo que, na juventude, normalmente estava sorrindo e passava a maior parte do tempo tentando alegrar a todos ao seu redor. A morte desse amigo, que parecia sempre bem, obviamente impactou e surpreendeu a todos. Solomon (2018) refere que há uma pressão para ser exuberante, o que faz com que o ser humano sinta que a tristeza seja um fracasso, uma perda de um poder absoluto.

A proposta principal de Durkheim (2014) foi tentar classificar o suicídio como um conjunto social. Seu estudo se baseou em dividir o suicídio em três grupos, buscando assim entender as diferenças entre os casos e as suas relações com a sociedade. De maneira resumida, são eles:

- O suicídio “egoísta”: É identificado quando a causa está relacionada à falta de integração social por parte da vítima, sendo essa falta de integração e pertencimento uma das possíveis causas. Esse seria o tipo de suicídio mais comum dentro das sociedades modernas. Diversas pessoas acabam por se sentirem isoladas e desejarem inclusão e uma felicidade inalcançável, que a mídia e as redes sociais acabam propagando nos dias de hoje, e isto é um grande fator de influência em alguns suicídios.
- O suicídio “altruísta”: É tido quase como oposto do “egoísta”, por se dar quando existe um excesso de pertencimento e integração social por parte da vítima, que prioriza o grupo à própria vida. Os suicídios altruístas normalmente são categorizados como suicídios grupais, nos quais um grupo acaba morrendo por uma causa, seja ela a honra, seja um princípio ou um valor em comum daquele grupo, que os leva a pensar nisso como mais importante que a própria integridade física.
- O suicídio “anômico”: É descrito como a falta ou alteração das normas sociais que levaria pessoas ao suicídio. Um exemplo comum sobre essa classificação são os suicídios que se dão por crises sociais/econômicas, desemprego, etc.

Vale lembrar que a teoria de Durkheim (2014) foi duramente criticada e classificada como ineficiente. Porém, penso que ela trouxe um posicionamento importante: a desvinculação do

suicídio com a insanidade. Não são apenas os ditos insanos que cometem suicídio, há toda uma pré-disposição ao suicídio na sociedade. Ou seja: qualquer um pode suicidar-se. O suicídio costuma ser o resultado de um desespero, pode ser alimentado tanto pela doença mental como pelas circunstâncias da vida: divórcio, abuso de substâncias, dificuldade com relacionamentos, desemprego, ansiedade, problemas de saúde física, preconceito, falta de aceitação, *bullying*, etc.

Os dados da OMS, mostrados pelo teórico Bertolote (2012), afirmam que mais de um milhão de pessoas se suicidam por ano, deixando seus amigos e familiares com dúvidas e culpas. Não raramente se perguntam se poderiam ter evitado, se poderiam ter feito alguma coisa. Há um preço no suicídio: a perda de tudo o que a vida poderia oferecer e também a ferida que essas mortes precoces deixam em suas famílias. Como Solomon (2018) explicita, aqueles que perdem alguém dessa maneira, só conseguem cair na dinâmica das epidemias de suicídio: pensar em repetir o processo. Talvez não precisemos ser tão radicais. Há pessoas que lidam de forma diferente, sobrevivem a isso. Solomon (2018) também descreve a depressão e o suicídio como doenças de solidão. E é o que acredito que sejam: é como se a dor cegasse os pacientes para aqueles ao seu redor, os isolasse em uma redoma, tornando difícil que alguém do lado de fora veja seus sinais, na maioria dos casos. O pesquisador conta que, na própria experiência com a depressão e a ideação suicida, ele precisou do tratamento com antidepressivos e, principalmente, na terapia, identificar o que lhe causava episódios dessa natureza. Exatamente como eu, sobre o tratamento da minha bipolaridade, que chegou a ponto de praticamente liquidar meus pensamentos suicidas.

Há muitos fatores importantes para o tratamento de um paciente suicida, o principal é descobrir o que está doendo dentro dele para que faça a escolha de acabar com tudo. Hoje, existem inúmeras formas de ajuda à disposição: seja a medicação, a terapia, o exercício físico ou até mesmo um ato simples como ler um livro e por meio dele se entender e se conhecer um pouco melhor. Pessoas deprimidas precisam entender o que causou a depressão e os padrões em sua vida que a autossabotagem traz. Precisam entender a diferença entre si e o seu desequilíbrio químico. Mas tudo isso, nessa sociedade ainda cheia de tabus, exige uma coragem e uma força de vontade gigantescas. E, no fundo, a sociedade que tanto julga, se torna uma das maiores culpadas pelos suicídios. Um mundo que não acolhe alguém que está se sentindo mal, qualquer que seja a causa, não tem condições de ter a sensibilidade e empatia necessárias para acolher um suicida. Cito Solomon (2018, p. 26): “Ninguém que conhece alguém que se matou consegue se livrar do fardo da culpa. O suicídio é o fracasso de mil chances de ajuda, da capacidade coletiva de salvar aquele que morreu”.

A partir de todas essas informações, afirmo que o suicídio se apresenta como o fenômeno indecifrável daqueles que escolhem o fim. São múltiplas causas e significados ao longo da história de uma epidemia que aos poucos vai se tornando visível aos olhos. A humanidade nada mais é do que um enorme quebra-cabeças, no qual cada peça possui uma cor. Não existem dois seres humanos iguais, cada um carrega sua própria bagagem; logo, não existirão dois suicídios iguais. Mas não é um caso perdido. Nos informando sobre todos esses conceitos, chegamos mais perto do entendimento; e, por tabela, da ajuda e de quais estratégias poderemos usar. E, sendo a literatura, também uma forma de diálogo, podemos abrir a porta onde está trancada a informação. E escancará-la.

A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA NA SOCIEDADE

A arte é muitas coisas, entre elas um movimento social. Ela depende da sociedade para existir, ao mesmo tempo em que produz um efeito sobre a sociedade. Com a literatura não é diferente: ela é capaz de modificar até mesmo a conduta e a percepção sobre o mundo do leitor. A literatura nos mostra uma infinidade de perspectivas. Antonio Candido (2006), ao estudar a influência dos livros e dos autores ao longo das épocas, acaba relacionando, em sua obra *Literatura e sociedade*, o conceito da mimese na literatura com o ato primordial da humanidade: aprender.

A mimese foi um dos primeiros conceitos que aprendi na Escrita Criativa, apresentada na primeira semana do primeiro semestre, lá em 2018; e foi irônico reencontrá-la nesse ponto do meu caminho. Mas um fato é: o ser humano aprende, em parte, por meio da mimese, isto é, da cópia. E a literatura muitas vezes pode ser a cópia da realidade, por mais que não completamente idêntica. Quando menos esperamos, estamos vivendo aquilo que lemos.

O escritor, sob o impulso de criar algo, quase sempre produz seus textos sob o signo dos padrões de sua época, com os temas e as formas que dispõe no momento em que vive. Por exemplo, não podemos exigir que livros do século passado tragam grandes desconstruções sobre a saúde mental, já que é uma discussão ainda muito recente. Os autores, ao longo dos anos, pertenceram a diferentes estruturas sociais, com diferentes valores e diferentes necessidades de mudança, por isso o bom senso antes de julgar uma obra é necessário. Sei que, mesmo na sociedade em que vivo, o diálogo sobre saúde mental ainda não é uma prioridade.

A literatura dispõe também de uma liberdade em não se ater à realidade. É uma relação às vezes até arbitrária, seja pelo efeito dramático que se busca, seja em função de a narrativa se passar em locais onde as leis não são as mesmas que as nossas, entre muitos outros fatores que

pedem pela liberdade artística. Então, quero trazer o que podem ser algumas das questões mais importantes deste trabalho: qual o papel do escritor na sociedade? E por que a literatura é tão importante?

Uma vez que a arte e a literatura podem ser vistas como sociais, o escritor também o é. O artista é quem faz a passagem para tornar a arte em algo concreto, algo que existe além de sua própria mente. Escritores sabem o quanto esse processo pode ser complexo, e o quanto sempre imaginamos muito mais do que colocamos em prática – eu mesma sempre estou criando coisas e nem sempre me lembro de escrevê-las. Não tem sido fácil para nós, escritores, nos organizarmos para escrever e termos expectativas de viver apenas da escrita, uma vez que a grande maioria precisa hoje dispor de uma segunda profissão para seu sustento. A desvalorização do papel do escritor e a insistência em verem nosso trabalho como um simples passatempo, sobretudo em uma época de formação como a graduação, são uma constante. Nem todas as pessoas estão preparadas para entender nosso trabalho como social, não em uma sociedade em que o ser pensante é ameaça. Parece que se espera que a ignorância perpetue. Então, por mais que a arte num geral nos mostre várias facetas da vida, talvez continue por muito tempo sendo considerada como algo banal por uma quantidade expressiva de pessoas. E não é, não está nem perto do banal.

A literatura é o conjunto das obras com os escritores e o efeito que eles causam sobre a sociedade, perpetuando sua existência. São elementos que estão em constante movimento e metamorfose, de acordo com a sociedade e os meios onde existem, como citei antes. Elas transcendem o tempo, ensinando também, e principalmente, sobre a história dos tempos que vieram antes de nós. Não se trata apenas de entretenimento. Todo livro que lemos nos traz algo, mesmo que seja só um pouquinho de conhecimento e reflexão.

Para Candido (2006), uma vez que o escritor também é visto como um ser social, seu papel depende do conceito em que é inserido na sociedade. A obra literária acaba se tornando a mediadora entre o escritor e o público, tanto quanto o escritor acaba mediando a passagem entre criação e realidade. O público também é importantíssimo para que a literatura se perpetue no tempo. Afinal, o leitor, muitas vezes, é a referência do autor. Podemos escrever por nossa necessidade pessoal, mas quem vai dizer se as nossas palavras chegarão aos outros não somos nós. Eu acredito que o leitor pode até mesmo ajudar o autor a saber o que melhorar e pode até mostrar os pontos sobre sua obra que talvez acabaria não entendendo sozinho. O escritor, a obra e o leitor são partes de um sistema, como aponta Candido (2006) não há como a literatura existir, inserida socialmente, sem nenhum dos três.

Sabemos também que no Brasil o índice de leitura é baixíssimo, e que a escola às vezes é um ambiente onde há pouco incentivo ao ato de ler. Esse déficit se dá, segundo Perrone-Moisés (2006), porque, apesar de ler ser um direito e ser fundamental, não há uma distribuição organizada que torne os livros acessíveis a todos. De forma que, não raramente, se tem uma visão do livro como objeto da elite e, por isso, desinteressante, inacessível.

Alguns profissionais da área das Letras e Literatura descrevem como se suas carreiras fossem equivalentes a entrar em um barco afundando, na pesquisa da autora Perrone-Moisés (2006). E há a constante queixa no fato de os alunos não gostarem de ler. Isso se dá visto a imensa desvalorização da literatura como um todo, dentro de uma sociedade com prioridades, ouso dizer, invertidas. Eu acredito que há um pensamento geral, dentro da política atual, de que não é conveniente que os jovens questionem a norma padrão, embora isso vá acontecer; não é conveniente no sistema de ensino atual que haja alunos desenvolvendo senso crítico e capacidade de analisar questões e criar suas próprias reflexões. Esses pensamentos, segundo Perrone-Moisés (2006), são mais antigos e estão arraigados em um Brasil que passou cerca de 20 anos em um regime autoritário, no qual, podemos lembrar, escritores foram colocados para escanteio, exilados e obrigados a deixar o país. O verdadeiro escritor, para mim, é um ser que reflete e que faz das suas reflexões a arte da obra; são questionadores por natureza.

Sabemos, no entanto, que a literatura passa por metamorfoses, muda e se repete ao longo dos anos e, no momento atual em que vivemos, no meu modo de ver, ela mais uma vez está em mutação, abrigando nesse grande movimento social os novos escritores e novos gêneros que estão surgindo. A questão não se trata de salvar a literatura como arte, diz Perrone-Moisés (2006), mas sim evitar seu desaparecimento do meio escolar e acadêmico. Creio que essa, em parte, também é a missão do curso de Escrita Criativa, ou seja, ajudar a literatura e seus estudos a encontrar novos interessados nessa área e assim se eternizar.

A literatura é, como movimento e como arte, fundamental para o desenvolvimento humano, reforça Lenilson Silva de Matos (2017) em sua tese. O indivíduo precisa estar em contato com o mundo social e seus mais diversos significados, para que amadureça entendendo e possa afetar a dinâmica da sociedade na qual está inserido, pois o indivíduo também faz parte dessa construção. Antonio Candido (2006) descreve a literatura como o papel humanizador do indivíduo, pois a forma como os livros trazem as informações aos leitores, os ajuda a compreender o mundo, a se tornarem mais empáticos e abertos ao mundo, aos seus semelhantes. É um fator que acrescenta mais qualidade ao desenvolvimento cognitivo e emocional do ser humano.

A literatura também é uma busca por sentido, de si, do mundo. Não há, acredito, povo que não produza literatura. Seja pela necessidade de arte ou pela necessidade de instrução. É, para mim, uma das maiores ferramentas da educação, da formação da personalidade, dos debates. Transforma mentes e vidas ao alargar seus horizontes para muito além do que poderia se ver. Uma ferramenta para que se enxergue a realidade e as urgências da sociedade, como no caso deste trabalho, a urgência da prevenção do suicídio.

A principal questão sobre a literatura é que ela pode “ensinar” sobre o mundo em que vivemos. Disse o professor Luiz Antonio Assis Brasil, em uma das aulas da Escrita Criativa, ali pelo meu segundo semestre na PUCRS, em 2018: ser um escritor é conhecer o mundo. Acredito que essa frase se aplica muito bem à ideia de que a literatura é a ferramenta para a formação do ser humano.

Se nós, escritores, conhecendo o mundo real ou inventado, o apresentamos ao leitor. Somos nós quem fazemos essa passagem para o aprendiz: a passagem onde o caos do mundo se liberta e tem a oportunidade de ser compreendido. Nossas criações também criam os seres humanos, de certa forma, não o indivíduo como um todo, mas a sua parte que é sentimento, a parte humana, que às vezes parece faltar tanto nos corações das pessoas. Não somos meros artistas, ao mesmo tempo em que o somos. Sendo escritores, perpetuamos a arte e escolhemos ser também esse movimento social. Sendo escritores, hoje somos também uma revolução.

COMO SALVAR UMA VIDA

Penso que aqueles que conhecem a natureza do suicídio, a que vem de si e a dos outros, viverão sempre com um pouco de medo, por menor que seja a fração desse sentimento. Penso muito sobre isso, pois muitas das pessoas que amo são vítimas também da depressão. Alguém que perde uma pessoa para o suicídio, ou que acompanha de perto os motivos que levam alguém a desistir, não pode evitar de se perguntar o que poderia ter feito, onde errou, e se seria possível salvar uma vida.

Devemos falar sobre o suicídio?

Falo muito do passado na terapia, meu histórico imenso e complexo. Certa vez, uma amiga de infância veio me perguntar sobre o que falar na terapia. Eu disse que normalmente o que faço é cutucar as feridas antigas com um garfo. Ela me deu uma resposta tão inteligente que não posso deixar de citá-la: às vezes você não está cutucando a ferida, está passando

mertiolate; você fala sobre o assunto, você entende melhor e lida melhor com a situação a partir disso. Não dá para ver assim?

E é exatamente o que penso quando se trata do suicídio, dos pacientes, da família e de todos aqueles que perderam alguém. O diálogo parece ser um fator extremamente subestimado. Afinal, o que é a terapia senão um diálogo? Assim como a literatura também é dialogar com o leitor por meio das páginas.

Sobre a questão da prevenção do suicídio, historicamente não foi diferente. A base da prevenção é o diálogo e a informação. Bertolote (2012) em seu texto traz o conceito da prevenção na área da saúde, sendo estas as medidas que se toma para interceptar uma doença antes que ela atinja um indivíduo. Embora não seja o termo a se usar, devemos tratar a prevenção do suicídio como se fosse a de uma doença, e levar tão a sério quanto. Falamos muito de prevenção nos últimos dois anos, dentro das redes sociais e da mídia, visto a situação de pandemia, mas o que poucos pararam para pensar é no quanto os índices de suicídio e de depressão podem ter subido nesse momento em que todos nós estamos tão vulneráveis. E mesmo a sociedade temendo a Covid-19 e boa parcela dos indivíduos seguindo todas as medidas preventivas estipuladas pela Organização Mundial de Saúde, houve uma dificuldade em fazer muitas pessoas levarem a sério o índice de mortes. E se não levam a sério um vírus que matou centenas de milhares de pessoas no mundo todo, como fazer levarem a saúde mental a sério com a mesma gravidade?

A prevenção do suicídio ainda é um assunto recente. Foram criados os primeiros modelos de prevenção no século XX, mas não eram programas baseados na ciência, e sim na religião cristã, espelhados em um trabalho feito socialmente, sem o amparo de profissionais da saúde, como dito anteriormente. Aos poucos esses programas foram se embasando cientificamente, mas ainda assim eram confusos: não havia muita divulgação, não se entendia claramente seus objetivos e não possuíam um público-alvo. Apesar de alguns mostrarem resultados, era difícil entender como trazer ao público essas informações e como seguir após o final do tratamento, além de ser complexo avaliar seus métodos. Eram programas com muitas limitações e por isso sua eficácia não pôde ser comprovada, o que era um dos maiores problemas.

No entanto, o surgimento desses programas acabou chamando a atenção de profissionais, e então a ONU, em colaboração com o Departamento de Saúde Mental da OMS, organizou uma grande reunião, na qual trouxe o embasamento de peritos para um documento, publicado em 1996, que ditava algumas estratégias de prevenções. O feito foi histórico e um

grande passo para a prevenção. Foi a primeira vez que dois organismos internacionais e respeitados reconheceram o suicídio como um problema social, econômico e de saúde pública.

O documento em questão se chamou *Prevenção do suicídio: diretrizes para a formulação e implementação de estratégias nacionais*. Trouxe, então, a visão do suicídio como multifatorial e pontuou seu desenvolvimento como oriundo de trajetórias complexas, mas identificáveis. O referido documento foi criado com os objetivos de expor estratégias, incentivar a avaliação e revisão periódica e, principalmente, divulgar a prevenção do suicídio. Penso que a disseminação internacional da informação por meio de unidades tão relevantes na política e na sociedade foi um ponto fundamental para que se começasse a entender o suicídio como um tema sério, por mais que ainda tenhamos muito chão pela frente com o assunto e por mais recente que seja. As medidas foram adotadas pelos governantes de diversos países, o Brasil incluso, e foi a primeira estratégia de prevenção com a eficácia comprovada cientificamente. Logo depois, em 1998, a Organização Mundial da Saúde criou o programa SUPRE (união das duas palavras em inglês *suicide* e *prevention*), em colaboração com a Comissão Internacional de Peritos em Prevenção do Suicídio, utilizando de sua opinião técnica, pesquisa árdua e experiência clínica. O programa se baseava em três pilares: tratamento de pessoas com transtornos mentais, restrição do acesso a métodos empregados em tentativas suicidas e informação, muita informação, com cuidado e abordagem adequada pelos meios de comunicação.

É lógico que, por ser um documento de mais de 20 anos atrás, a informação e métodos presentes seriam limitadas aos nossos olhos de hoje, mas há revisões periódicas e avaliações sendo realizadas constantemente. De forma que, com as atualizações, os peritos acrescentaram mais dois pilares ao Programa: a busca ativa de pacientes com comportamentos suicidas e outros programas adequados de informação destinados às escolas, ao público geral e aos trabalhadores do setor sanitário. Infelizmente, por ser uma busca recente, nosso arsenal, como disseram Bertolote (2012) e Solomon (2018), é modesto. E nem sempre o pouco que se tem é posto em prática pelos profissionais com o afincamento necessário. Ainda falta muita consciência da importância da prevenção do suicídio como questão de saúde. Mas, enquanto houver profissionais de todas as áreas interessados em ajudar, talvez o reconhecimento da gravidade da situação seja uma questão de tempo.

O suicídio é uma preocupação de todos. E a função de cada um nessa luta é diferente. Em prol disso, mais uma vez a OMS publicou um documento, agora nos anos 2000,³ com diretrizes para diferentes segmentos da sociedade atuarem na prevenção, revisado por peritos de suas respectivas áreas. Seriam elas:

Profissionais da Saúde

- Ao identificar o paciente suicida, se dispor a dar uma atenção especial a ele.
- Dialogar claramente com o paciente e com tato, buscando saber o grau do risco, os motivos, se o paciente fez planos de executar o comportamento e quais meios pretendia utilizar.
- Tendo identificado o problema, encaminhar ao tratamento imediatamente.

Profissionais da Comunicação

- Educar o público a respeito do tema e de como e onde buscar ajuda.
- Evitar sensacionalizar ou normalizar o suicídio.
- Cautela e respeito ao noticiar, especialmente com fotos e vídeos.
- Evitar descrições explícitas de métodos empregados.
- Reconhecer que os próprios profissionais da comunicação podem ser afetados pelo contato com histórias de suicídio.

Profissionais da Educação (Ensino Fundamental e Ensino Médio)

- Reforçar a saúde mental de professores e outros profissionais da escola.
- Reforçar a autoestima e aceitação dos alunos.
- Promover educação emocional, baseada na expressão saudável de emoções.
- Prevenção de *bullying*.
- Informações na escola sobre serviços de ajuda.
- Encaminhar os alunos a profissionais de saúde mental quando necessário.
- No caso da tentativa ou da consumação do suicídio de um aluno, intervir rapidamente em dar suporte aos demais alunos, evitando que se torne epidêmico.

Profissionais de Intervenção em Emergências (policiais, bombeiros, serviços de resgate, etc.)

³ Para mais informação ver: Bertolote (2012).

- Considerar a situação uma emergência psiquiátrica e tratá-la como tal.
- Não questionar o risco ou tratar com desdém.
- Garantir a segurança do paciente e afastá-lo dos objetos de risco. Removê-los do local. Afastar também pessoas próximas em situação de perigo.
- Manter a calma, não se aproximar bruscamente e expressar compreensão.
- Encaminhamento rápido ao pronto socorro ou hospital psiquiátrico.

No caso de a tentativa já estar iniciada

- Verificar sinais vitais e contatar a emergência médica rapidamente.
- Fazer contato com um familiar ou pessoa próxima.
- Estabelecer comunicação com o paciente, se este estiver consciente. Mantê-lo calmo.
- Tato e empatia com os presentes no local.

Agentes Prisionais

Quando cheguei a essa etapa do texto, me surpreendi muito, pois a cultura do Brasil trata os detentos e prisioneiros com um desprezo que os desumaniza. E pouco se pensa que as taxas de suicídio entre eles são mais altas devido ao enorme impacto psicológico que a situação da detenção traz, principalmente em jovens. Ainda precisamos discutir os direitos humanos nessa situação e a prevenção do suicídio, ainda que essa seja uma realidade diferente, é importante pensarmos nele também. O material para esse público específico ainda é limitado, mas conta com as seguintes medidas:

- Remover meios e possibilidades do local.
- Fornecer avaliação sumária do estado mental dos detentos. E possível acompanhamento psicológico.

Sobreviventes

É estimado que o suicídio de alguém afeta em média de 5 a 10 pessoas, sejam familiares, amigos, colegas, entre outras pessoas próximas do indivíduo. O sofrimento de perder alguém para o suicídio gera inúmeras emoções, como medo, raiva, tristeza e inúmeras dúvidas também. A responsabilidade que sentem por não terem impedido, a vergonha, o isolamento principalmente de pais que perdem filhos para o suicídio, é um sofrimento que pode perdurar a vida toda. Pode-se tornar em uma depressão e até mesmo em uma reprodução do comportamento, uma vez que, como Solomon (2018) constatou: o suicídio é epidêmico. Por

esse motivo, chama-se esse grupo de pessoas de sobreviventes do suicídio de um ente querido. E, quando sobreviventes se encontram, têm a oportunidade de sentirem acolhimento, pertencimento desse grupo e compreensão. Há uma possibilidade de lidarem com esses sentimentos de maneira nova.

E, nós, escritores?

O que podemos fazer é falar sobre o suicídio, nos atendo à pesquisa e a todas as informações possíveis. O diálogo da literatura com a sociedade é um dos maiores existentes desde o início dos tempos. Precisamos nos ater a transmitir informações sobre ajuda e sobre acolhimento.

Solomon (2018) em seu livro cita que as pessoas têm medo de falar sobre o suicídio, medo de abrir as feridas. Mas o diálogo pode salvar vidas. Em se tratando do tema do suicídio, nós voltamos ao papel do autor na sociedade, que precisa conscientizar. Porém, eu acredito que temos que nos ater ao fato principal de que os leitores são seres humanos, não podemos expor uma possível vítima a gatilhos desnecessariamente. Apesar da liberdade artística e do desejo de causar impacto de alguns, é necessário o cuidado nessa conversa, como o cuidado de colocar avisos sobre os gatilhos. Devemos buscar uma maneira ética de descrever as cenas, tornando assim impactante, mas não pelos motivos errados.

SYLVIA PLATH, O CAVALO E A ASFIXIA

A redoma de vidro, de Sylvia Plath (1963), possivelmente foi um dos primeiros livros a tratar abertamente sobre depressão na história da literatura. O livro, descrito como semiautobiográfico, tão sensível, descreve perfeitamente as sensações e o reflexo do suicida e do depressivo na sociedade, que permanece até hoje estereotipado e tratado com insensibilidade. Em conjunto com a obra *Ariel*, da autora, obra que ela deixou pronta antes de morrer, podemos entender muito sobre os sentimentos de Plath e sobre sua vivência em seu transtorno psiquiátrico na condição de mulher escritora e poeta. O alter ego Esther e os eulíricos descrevem uma Sylvia Plath em fúria e confusão, tentando se agarrar à esperança. E, entre metáforas de renascimento das cinzas, primavera e o sentimento de raiva, me vi próxima dela. Eu, também uma poeta com um transtorno psiquiátrico, também tentando escrever para mim. A busca constante de uma cura, mesmo com a dor ainda presente.

Apesar de *A redoma de vidro* ser um livro de conteúdo sensível e repleto de gatilhos, também é uma obra de ensinamento e empatia imensos. Sylvia Plath deixa uma lição sobre superar a depressão que ela mesma não conseguiu vencer, mas que pode mudar vidas.

Como podemos pensar a literatura para a prevenção do suicídio? Em uma análise de *A redoma de vidro*, de Sylvia Plath (1963)

O psicólogo James C Kaufman (2001) chamou de Efeito Sylvia Plath o estigma que diz que a maior parte da população depressiva é formada por artistas, especialmente poetas mulheres. O mundo literário teve inúmeras perdas para o suicídio. Há socialmente o estereótipo de escritores e artistas ligado à depressão e ao alcoolismo. Há histórias de mortes trágicas e marcantes, como Van Gogh, Virginia Woolf e a própria Sylvia Plath.

Lendo biografias de outras mulheres, que como eu, escreviam, percebi que muitas delas se suicidaram; e que eu quase fui mais um número nessa estatística. Toda a vida que se perde para o suicídio é trágica, seja de um poeta ou não, mas, ao ver perdas de tantas poetas, penso que carrego grande parte delas comigo. Carrego a inadequação com a sociedade, a raiva, o sofrimento e, acima disso, carrego a liberdade que muitas delas almejavam. Pois eu tive a oportunidade de me dedicar à escrita, sim, oportunidade, porque, em nossa sociedade, está posto que não há espaço para nós. O mundo não parece ter espaço para artistas e escritores, mas morreria asfixiado se a arte e a literatura fossem embora.

Me responsabilizo por eles, por todos que se foram. Se posso fazer arte e literatura hoje, é porque o chão do caminho que eu piso foi lapidado por essas pessoas. Minha escrita carrega a mão de todos eles também. Se me perguntassem o porquê de os escritores estarem tão relacionados a esses temas, eu não saberia como responder com precisão, mas penso que a literatura é criada, também, a partir da dor, dessa melancolia que nós sentimos e temos a necessidade de expor para o mundo. Não somos depressivos porque fazemos livros, mas fazemos livros porque somos depressivos. Isso vem da necessidade de se buscar um sentido, um propósito. Vem da necessidade de buscar uma cura, algo que silencie as mentes e traga paz.

Virginia Woolf, como eu, escrevia sobre a tristeza. Na verdade, penso que talvez eu seja parecida demais com ela, que escrevia uma tristeza que, ao invés de tornar sombria a vida, realçava sua beleza. Mas, ainda assim, havia dor, havia esse sofrimento onipresente, aflorando no coração complexo de suas personagens, como se saíssem do coração dela. Havia essa ânsia pela resolução, mas o desespero trazido pela dualidade da vida. A escrita de Virginia Woolf me transmite o medo que por muito tempo eu senti. Medo de que a dor fosse durar para sempre,

que fosse imutável. E parece ser, quando vivo cercada pelas lembranças de meus traumas e da dor que às vezes retorna. A diferença é que, com a base de apoio que eu tenho, aprendi a seguir apesar desse sofrimento. Analisando a expectativa de vida de mulheres escritoras, as que se suicidaram, diante delas eu sou velha, estou no fim de minha vida. E isso não está certo, tenho apenas 22 anos, e não é o fim. Mas a diferença é que tenho recursos, tenho a angústia existencial, mas tenho recursos para sobreviver a ela. Woolf escrevia para se salvar, como eu fiz, e é aí que nos separamos: as palavras falharam com ela, não fizeram a dor sumir. Mas comigo não falharam; e me recuso a deixar que aconteça. A dor está aqui, e eu quero usar as palavras para moldá-la em algo mais belo do que caótico. As palavras são pontes que nos levam a diversos lugares. Não espero estar salvando toda uma população com meu trabalho, por mais que minha visão sobre ele seja um tanto presunçosa, mas, se uma pessoa for tocada por ele, basta.

Talvez o erro de Woolf tenha sido fazer das palavras sua fuga. E não podemos fugir da realidade, por mais que o desejemos. A vida, em grande parte, é sofrer, mesmo que não gostemos de admitir. Devemos aceitar nossas emoções, por mais que elas não sejam belas, devemos acolhê-las, entendê-las e racionalizá-las para que possamos estar no controle e não o contrário.

Sylvia Plath (1963) descreve em *A redoma de vidro* a sensação de se estar no olho de um furacão, mais especificamente a sensação de não conseguir reagir perante a essa tempestade. Talvez seja o mesmo que eu descrevo quando uso a metáfora dos olhos do abismo, uma escuridão que cobre a visão daqueles que a fitam, e impedem de ver qualquer coisa além disso na vida, uma dor que nos estagna numa fração de tempo em que não existe passado, presente ou futuro, é apenas a existência. Mas existir diante desse desespero, em um tempo que parece infinito, dói.

É praticamente impossível falar do suicídio sem citar a depressão como uma de suas principais aliadas, essa doença gigantesca, incapacitante, epidêmica e principalmente banalizada. Sylvia Plath, aos olhos dos outros, era talentosa, casada com um grande poeta e bela, alguém que aos olhos do mundo não parecia ter motivos para se suicidar. Mas nada do que ela possuía, nenhum de seus prêmios, a livrou de cair em depressão. Porque seu desespero vinha de muito além de sua vida externa, do que era mostrado aos outros, era uma adaga cuidadosamente plantada em seu coração, esperando o momento exato do corte. E sangrar em silêncio mata.

Disse Solomon (2018) que a parte mais crítica da depressão é o sentimento de que ela durará para sempre, de que jamais reagiremos diante dessa adaga no peito. A sensação de que viver, diante desse sentimento, é uma forma de já estar morto. Citando Plath (1963, p. 266):

“Para a pessoa dentro da redoma de vidro, vazia e imóvel como um bebê morto, o mundo inteiro é um sonho ruim”.

A *redoma de vidro* é uma metáfora para essa emoção de não conseguir reagir: a inércia perante a depressão. É a sensação de ser um prisioneiro da própria mente. A narradora descreve que não importa aonde se vá, ainda há esse vidro sobre o depressivo, que o separa da realidade. O vidro prende a mente e o corpo, ele não é visível, mas sabemos que está lá. E, mesmo que o vissemos, não poderíamos fazer nada sobre.

Analisando o histórico e a trajetória de Esther, a protagonista e possível alter ego de Sylvia Plath, vejo muito de mim nela. Uma mulher que sonhava em ser poeta, mas era refém de um grande desequilíbrio químico em seu cérebro. Vejo-a não como uma mulher louca, como a tratavam no livro, mas como possivelmente uma bipolar adulta que nunca recebeu tratamento adequado. Exatamente por isso me vi nela, antes do diagnóstico e dos remédios, eu continha a mesma impulsividade, assim como a mesma angústia em me ser. Podia-se dizer que eu mesma estava sob uma redoma de vidro. É difícil diagnosticar a personagem sem ser um psiquiatra, não estou afirmando o transtorno, mas consigo especular a bipolaridade por ser o que vivo na pele todos os dias.

A questão do alter ego fica evidente em vários momentos do livro, Sylvia Plath se une com sua personagem em diversos pontos: alunas brilhantes, formadas em inglês, editoras convidadas em uma revista em Nova Iorque, local onde começa a história do romance. Esther Greenwood é quase uma usurpadora, uma colcha de retalhos da vida de Plath. Segundo Sandra Bernardes Puff (2012), poderíamos até mesmo ler o alter ego como um duplo da autora inglesa. A ponte entre o real e a personagem é trazida dentro do romance, como se ele fosse uma confissão, ainda que saibamos que é ficcional. E é evidente que é um relato a respeito da jornada com a depressão e a internação psiquiátrica. Uma demonstração desse lado obscuro, habitado pelo abismo. O que reforça o ponto de que qualquer um pode suicidar-se. Nunca sabemos o que realmente se passa dentro do outro. O alter ego Esther deixa implícita a vontade de Plath de escrever sobre si. Uma busca de conhecer a si mesmo por meio do outro. A demonstração do espelho do autor e de suas diferentes facetas, que também são lidas nos eu-líricos em *Ariel*.

A entorpecida Esther, desde o início do livro, apresenta sintomas do que poderiam ser um quadro de depressão profunda. Ela sabe, logo nos primeiros capítulos, que está no auge de sua vida. Uma mulher jovem, com boas notas, uma bela bolsa na faculdade que almejou, estudando o que gosta e com um trabalho bom, está em ascensão, mas não tem uma boa imagem sobre si mesma. Ela mesmo cita que deveria estar feliz, mas não está. A vida a faz se sentir presa e, apesar de sua obsessão frequente com a morte e suas tendências suicidas, ela não sabe

como reagir. Penso que é assim que todo depressivo, bipolar ou não, se sente a princípio, aquele momento em que se olha para dentro e tudo o que se pode fazer é perguntar: por quê?

E não há uma resposta direta. E isso é o mais angustiante. Esther é vítima desse sentimento, da procrastinação em excesso, da tristeza, do cansaço, da frustração consigo e de crises de pânico. Está estagnada e, mesmo sabendo que está doente, não consegue pedir ajuda. Ao invés disso, afunda-se em uma síndrome da impostora gigantesca, um mau que assola muitas mulheres. Parece que, quanto mais ela percebe estar doente, mais se cobra de não estar, uma cobrança por perfeição que a faz ignorar suas vontades e saúde mental.

Todos os seus relacionamentos são instáveis, incluindo o que estabelece com a família. E ela possui uma necessidade de validação imensa. Ela tem uma necessidade de não ser rebaixada, de ser superior. Mente quando está fora da zona de conforto, a fim de se provar.

Esther e Sylvia Plath (1963) se unem em vários pontos, o que reforça muito a ideia do alter ego. Em outros escritos da autora, ela reflete uma raiva muito grande, que recai na figura do marido, do pai, da vida que lhe foi atribuída como mãe, dona de casa. Esses são muitos pontos citados no livro pela personagem, expressando grande sofrimento e medo, e também são temas mencionados com certa frequência em outros poemas extremos da autora. Dois momentos marcantes em demonstrar isso no livro foram quando Buddy, o pretendente médico da personagem, a leva para assistir a um parto e ela compara a situação com uma tortura. Assim como compara o casamento e a vida de esposa à escravidão. E o outro momento é uma menção quase direta à vida da autora: a personagem conta que o pai a levou à praia com nove anos, e morreu quando ela tinha dez. Nisso, ela também menciona só ter sido feliz até os nove anos, o que pode ligar diretamente sua depressão a essa grande perda. No poema *Papai*, de Sylvia Plath (1965, p. 155), na versão póstuma da obra *Ariel*, ela escreveu os seguintes versos:

Tinha dez anos quando o enterraram.
E aos vinte, eu tentei morrer
E voltar, voltar, voltar pra você.
Achei que até os ossos iriam querer.
Mas me tiraram da cama,
Com cola foram me refazer.

Em um certo momento do livro *A redoma de vidro*, durante a crise suicida da personagem, ela chega a mencionar a praia mais uma vez, como se morrer próximo daquele lugar pudesse promover esse reencontro. A morte do pai dela é lida como um grande arrependimento, por tudo o que não viveu ao lado dele, como descrito também nos poemas de Sylvia Plath (1965).

Ariel, porém, conta com diversos poemas que me soaram como um retrato da vida da autora. Como *Lady Lazarus*, que fala sobre suas tentativas de suicídio, e *Olmo*, escrito para uma amiga, poema no qual ela cita ser habitada por algo sombrio, como se não tivesse o controle sobre si mesma; um impulso dentro de si que Plath temia, e o qual ousou dizer que reconheço. Talvez todo suicida, depressivo ou bipolar reconheça esse sentimento.

Um ponto interessante é que a protagonista Esther, como a autora, tem visões de igualdade entre os gêneros. E talvez por isso a ideia de um casamento lhe faça sentir tão presa. Sente que precisará servir o homem pelo resto da vida e que terá desperdiçado todo o seu esforço com a escrita e a faculdade, uma prisão movida por uma lavagem cerebral, nas palavras dela. Isso além do medo de ser mãe. Esther idealiza seus parceiros ao extremo e, quando consegue a atenção dos homens, é como se perdesse o sentido. Então, ela os demoniza e passa a desprezá-los. A necessidade de validação da figura masculina é um traço comum entre pessoas que perderam os pais muito jovens, por não terem tido a validação paterna no período delicado da infância.

Sua imprudência e tendência à automutilação, a colocam em situações conflituosas várias vezes, que vão desde quebrar a própria perna até cogitar trocar a própria virgindade por um diamante e após isso as tentativas suicidas. Esther vive com arrependimento das próprias ações impulsivas e sabota os próprios planos. Ela passa por uma crise grave na qual fica sem dormir e é incapaz de fazer algumas coisas por aproximadamente um mês. Esse é o ponto no qual entra a ajuda psiquiátrica. E também quando entra a questão que eu trouxe antes: há pouquíssimo suporte médico para suicidas ainda hoje, então imagine na época em que viveu essa personagem, cerca dos anos 60.

A irresponsabilidade de um psiquiatra ao lidar com essas vidas pode matar. Esther conhece o Dr. Gordon que rapidamente a encaminha para o tratamento de choque, e parece nas consultas falar mais sobre si mesmo do que perguntar sobre os sintomas que ela estava sentindo. Para mim, foi um absurdo ler isso, todo esse processo foi desumano. Essa é sem dúvida uma grande crítica às clínicas psiquiátricas, que, mesmo depois da reforma, ainda tratavam os internos como animais. A personagem cita os internos como se estivessem vivendo em câmera lenta, dopados a ponto de não conseguirem fazer nada: “manequins”, como ela diz, deixaram de ser pessoas. O tratamento de choque a faz sentir uma dor terrível, seguida de mais apatia e intensifica seu sentimento de desesperança em melhorar. Ela decide abandonar a clínica.

A postura da mãe da personagem também é um fator importante a ser citado, afinal, a mulher se importa com a filha, mas como, muitas pessoas, é ignorante sobre as questões de saúde mental. Trata como se a personagem pudesse escolher ficar bem e como se a depressão

fosse falta de trabalho e de força de vontade. É o famoso argumento: “tem pessoas piores que você”. Vale ressaltar que o apoio familiar é muito importante para o tratamento de alguém nessas condições, e penso que boa parte dos que chegam ao suicídio de fato não tem isso. Os estigmas da insanidade, da falta de deus, da ingratidão, entre outros aspectos, ainda estão enraizados na nossa sociedade, desumanizando o suicida. São pessoas que precisam de ajuda, nada além disso.

Esther chega a planejar o suicídio algumas vezes, concretizando três tentativas. Na terceira vez quase consegue. Como Solomon (2018) e Bertolote (2012) disseram, normalmente suicidas têm histórico de mais de uma tentativa. A primeira tentativa deveria ser um alerta para os familiares, mas muitas vezes não é, justamente pelo estigma e pela ignorância. Na terceira tentativa, ela é encaminhada a um hospital psiquiátrico, onde tem alguma melhora, como voltar a comer e dormir, mas ainda sente a inércia e o desespero.

Um ponto chocante sobre o livro é o fato de que, por sua história ter aparecido nos jornais, uma escritora famosa se interessa em ajudar Esther, e a encaminha para outra clínica, onde ela conhece finalmente a Dra. Nolan, uma psiquiatra empática e terna, a quem ela finalmente se sente confortável para se abrir. É a primeira psiquiatra mulher citada no livro, o que reforça a aversão pela figura masculina e também o papel da mulher em poder ser mais do que mãe e dona de casa. Nessa clínica em questão há todo um tratamento diferenciado, mais humano e empático, acompanhado de terapia ocupacional e de enfermeiras observando as internas o tempo todo. Mesmo que ela se sinta deslocada e não acredite na própria melhora, Esther vê o progresso em si mesma e em outras pacientes.

Penso hoje que o ponto mais importante de se fazer acompanhamento com psicólogo e psiquiatra é se sentir seguro com seu profissional, se sentir protegido naquele ambiente e livre para expressar tudo. Quando tive isso, melhorei imensamente.

Confiar na Dra. Nolan fez com que a protagonista enfrentasse novamente a terapia de choque, um de seus maiores medos, mas, com a médica lhe assegurando que não seria do mesmo jeito e que estaria lá o tempo todo, ela vence. E, então, há o que para mim foi o momento mais emocionante do livro: as duas deixam o consultório, andando de volta para a clínica após o procedimento. E Esther diz que a redoma de vidro se abriu, e que ela pode respirar ar puro pela primeira vez. Uma linda metáfora sobre a sensação de sair da depressão. Eu disse que sair desse sentimento era como conhecer a vida e o mundo mais uma vez, nunca havia associado com o ar puro, mas para mim fez todo o sentido.

Nesse meio tempo, Joan, uma antiga colega da protagonista, com quem ela sentia ter muito em comum, acaba cometendo suicídio. Mas, quando a questionam sobre isso, Esther diz

prontamente o que deveria ser óbvio, mas não é: o suicídio de alguém nunca será um crime com culpados. É algo que está no suicida. É triste, e é difícil não sentir essa culpa, mas isso é um fato. Nossa dor nunca está nos outros, pode até vir de traumas causados por terceiros, mas ainda é algo que brota dentro de nós. Uma erva daninha fazendo lar no peito, que temos de cortar pela raiz antes que se torne algo maior. Nossos sentimentos são nossa responsabilidade. Amigos, amores e familiares podem apenas estender uma mão, mas não podem lutar nossas batalhas. Está em nós, sempre esteve. E é difícil, doloroso e triste às vezes. Mas escolher a vida faz valer a pena.

Esther não sabe se essa redoma não voltará a se fechar um dia, ainda há esse medo dentro dela. Penso que dentro de todos nós que saímos o medo é uma constante. Mas agora a personagem se sente livre para viver, buscar seus sonhos e principalmente para ser dona de si mesma, como se houvesse renascido. Na apresentação de *Ariel*, escrita por Rodrigo Garcia Lopes (2007), há um resgate também uma entrevista com Plath, na qual ela justificava a ordem na qual desejava deixar os poemas, mas não pudera na primeira publicação. A autora almejava utilizar dos poemas para representar o fim de uma crise, começando o livro com a palavra “amor”, no poema *Canção da manhã*, e o finalizando com a palavra “primavera”, no poema *Hibernando*. É outra clara expressão de seu desejo de renascimento, de sair da depressão, libertar-se de um pesadelo e abrir os olhos para tempos melhores. Em muitos estudos acadêmicos, ela ainda é vista como a poeta em fúria que era, e ainda há um pouco do estigma de sua insanidade, mas foi bonito para mim conhecer a faceta esperançosa dessa poeta. Plath suicidou-se pouco depois do lançamento do romance *A redoma de vidro*, mas gosto de pensar que Sylvia Plath escreveu a personagem Esther como uma esperança para si mesma, algo que ela mesma poderia ter sido. Se eu a conhecesse, teria segurado sua mão. Teria lhe dito para continuar escrevendo.

Quando a literatura demonstra uma história como essa, torna-se incentivo para que o leitor que se identifica aprenda, mesmo que vagamente, que seu problema psicológico tem tratamento. Aprenda que pode dialogar com uma mãe, um amigo, um psicólogo. Aprenda que não está só, apesar de isso ser o que a redoma expressa. *A redoma de vidro* expressou o ciclo completo de uma depressão, desde o momento em que se tem a consciência, o estopim do sofrimento e a cura. Sabemos que a cura não é 100%, é uma caminhada constante onde buscamos retomar o controle de nossas vidas e nos manter estáveis para que o sentimento não volte.

Defendo que é isso o que deve ser feito ao pensarmos a literatura como ferramenta para a prevenção: apresentar os sentimentos da personagem, para que o leitor possa identificar-se

com ele, ou pelo menos perceber semelhanças. E então mostramos a jornada da personagem ao lidar com os sintomas, emoções, traumas e o que quer que estejamos retratando no livro. É lógico que, agora, temos recursos para fazer isso de maneira mais gentil, evitando ao máximo a presença dos gatilhos, utilizando, por exemplo, da pesquisa e da liberdade artística para nos aprofundarmos em assuntos sensíveis da melhor maneira possível. Ao abordar uma personagem suicida, também penso que é bom senso não os retratar de forma punitiva, por exemplo forçando-os a ver que causaram dor a suas famílias e os culpando por ter as ideações. Ao invés disso, retratá-los como sentimentos naturais, reforçando o ponto que eu trouxe antes: qualquer um pode suicidar-se, isso não é um bicho de sete cabeças, é mais normal do que se pensa.

E não, não é porque é natural que está tudo bem alguém viver com pensamentos autodestrutivos. Justamente é o que estamos tentando evitar ao falar sobre isso, a naturalização não deve criar mais inércia, mas sim movimento na busca por ajuda. Além disso, penso que um ponto fundamental na hora de se pensar uma história com personagens suicidas é mostrar a recuperação da personagem, mostrar esperança em continuar vivendo e deixar claro que os pensamentos suicidas eram em função não de querer acabar com a vida de fato, mas de querer acabar com a dor. Assim mostramos que existem outras formas de lidar com os problemas. Acredito, de fato, que um dos principais papéis de um escritor na sociedade é exatamente sobre isto: tocar os leitores, ensinar e instruir, fazê-los sentirem coisas, e, por muitas vezes, mudar suas vidas.

2 NOTAS DE UM CORAÇÃO DENTRO DO ABISMO

15 de abril

O buraco mais fundo que a humanidade já ouviu falar é o da alma. E o vazio de algumas pessoas é tão profundo que se torna difícil de esconder. Não adianta fugir, não adianta se enganar e sorrir falsamente. Eu parei de tentar há muito tempo.

Porém, eu quis começar a escrever sobre isso. Aos poucos, minhas memórias vão ficando cada vez mais turvas por causa dos remédios, e não desejo de forma alguma me esquecer daquele rosto. Eu abandonaria qualquer coisa, exceto o rosto dele...

Neste momento de minha vida vivo em Nova Danvers State. É um lugar pequeno e você provavelmente nunca ouviu falar dele. Afinal, fizeram de tudo para escondê-lo, para encobrir as atrocidades que acontecem por aqui, atrocidades que deveriam ter sido apagadas pelo tempo. Mas não imagino que seja tão diferente de onde você mora: pessoas estranhas, coisas desagradáveis acontecem...

Afinal, viver é desagradável.

Minha história começou porque eu não queria me mudar para esse lugar.

Eu tentei viver... Mas não adiantava: quando entendi que a realidade era desagradável e que nada mudaria isso, abandonei o mundo exterior, passando a viver apenas dentro de minha casa, dentro da minha cabeça. E assim me mantive por aproximadamente dois anos. Havia largado meus estudos e não possuía emprego. Minha mãe foi permissiva com minhas atitudes. Acho que ela imaginava o quão afundado eu estava para ter chegado àquele ponto. Ela me disse que eu levasse o meu tempo para decidir o que fazer. Foi apenas por isso que permaneci seguro por tanto tempo: sei que não poderia contar com nenhum outro membro de minha família.

No começo destes dois anos, ainda recebia cartas de meus antigos colegas. Alguns me desejando melhoras, outros apenas curiosos para saber o que havia acontecido para que eu desaparecesse. Cheguei a receber visitas algumas vezes, no entanto nenhuma daquelas pessoas era de minha consideração, na verdade... Não havia mais ninguém que eu considerasse, só havia ele... E ele já estava muito longe. Porém, ainda me relacionava com minha família, vagamente. Minha mãe era a que mais tentava falar comigo, meu pai e minha irmã aos poucos apenas desistiram. Em um primeiro momento, me importava com esses vínculos, mas, com o tempo, isso apenas morreu. Aliás, tudo aos poucos foi perdendo a importância de certa forma, e eu não soube o que fazer para lutar contra essa sensação. Permaneci, então, em uma inércia infinita.

Quando me dei conta, já não saía do quarto. Havia passado mais tempo do que conseguia lembrar. Tempo demais para voltar atrás.

Depois dessas primeiras mudanças, aconteceram mais coisas ruins... Mas não quero escrever sobre isso agora. Já é ruim o suficiente que eu tenha acabado na situação em que estou. As coisas ruins sempre vêm, eu sei. Elas começaram desde muito antes de ele surgir. Mee tornei tão vazio que é só isso o que consigo atrair. Não posso ignorar meu vazio. Bem, depois que as coisas ruins aconteceram, recebi dos meus pais a notícia de que em dois dias eu seria levado para morar em outro lugar. Esse mesmo que já contei para vocês: Nova Danvers State. Eu disse que não queria ir, que não queria deixar o conforto de meu quarto, mas ninguém estava me perguntando o que *eu queria*. Era um ultimato. Iam mesmo se livrar de mim. Entrei num profundo desespero e decidi naquele momento tirar minha própria vida. Simples assim. Ou não tão simples assim. Foi isso o que me levou a revê-lo, foi isso que me levou a escrever agora, mas, se analisar de forma fria, foi uma decisão burra. Afinal, a minha tentativa de suicídio apenas acelerou o processo de transferência para Danvers.

Contarei um pouco sobre como foi aquele dia.

Depois de receber a notícia e afundar no desespero, acordei e me lembrei de minha irmã mais velha, Beatrice, eternamente presa a uma cadeira de rodas. Enfim, emocionalismos à parte, ela sente dores intensas na coluna, devido a uma escoliose gravíssima, entre outros problemas relacionados a distrofias. Por isso, costumava tomar analgésicos muito fortes. Pensei que se tomasse todos esses comprimidos ao mesmo tempo acabaria com tudo de forma rápida e indolor.

Desci até o quarto dela, em um momento em que todos haviam saído para levá-la a algum lugar que não lembro, e então peguei todos os frascos de remédio que consegui encontrar. Mas, quando estava prestes a sair dali, me esqueci de um pequeno detalhe: a maldita rampa de acesso. Escorreguei nela, obviamente, e caí, batendo a cabeça em algo que até agora não identifiquei de maneira clara. Os comprimidos voaram... Senti o sangue escorrendo pelas minhas costas e então tudo ficou escuro.

Abri os olhos sem saber quanto tempo havia se passado, sensação bem frequente nos meus últimos anos. Mas uma mão tocou minha testa, uma mão fria e pálida. Fazia tanto tempo desde a última vez que alguém havia me tocado... Aquela mão parecia familiar.

Minha visão finalmente estabilizou e então pude ver um menino muito bonito. Seu rosto parecia familiar, mas eu não soube dizer a princípio de onde o conhecia. Seu rosto foi o que fez meu coração acordar, depois de muitos meses adormecido, trancado na escuridão do quarto.

Tentei me levantar, mas não conseguia. Era como se meu corpo flutuasse. Não havia peso, nem força.

– Quem é você? – perguntei, desnortado.

– Eu sou o que você tanto almeja. Embora talvez eu não almeje você comigo.

Senti um arrepio na espinha. Ele sorriu e acariciou meu cabelo, e então lembrei... Não era apenas um menino bonito... Ele era *meu*. Ou havia sido... Não conseguia lembrar direito. Só sabia que nos conhecíamos, e sabia que o amava.

– Foi uma bela queda, mas está tudo bem agora. Eu mandarei você de volta...

Eu perguntei baixinho se aquilo era um sonho, mas não houve resposta.

– Não faça isso novamente, Lyandre. Seria uma pena ver mais um sorriso se perder.

Ouvir a sua voz dizendo meu nome fez com que lágrimas brotassem nos cantos dos meus olhos. Fazia tanto tempo que não o via, que não ouvia sua voz. Fazia dois anos que não chorava, e ali estava, nos braços de quem eu amava, derramando aquelas lágrimas.

E então acordei em uma cama extremamente ruim, possivelmente em um hospital. Eu não me lembrava de muito, mas se manteve forte em minha mente o rosto dele; e junto disso, o que ele me disse: “Eu sou o que você tanto almeja. Embora talvez eu não almeje você comigo”.

E essas palavras me ferem até agora. Porque com elas me questiono se não sou bom o bastante. E se não sou bom o bastante, por que ele precisou voltar e acordar meu coração? Meu desespero só cresceu. Não consegui me importar em ter falhado ao tentar morrer, não consegui me importar com o fato de que apenas adiantei minha partida. Tudo o que me importava eram o rosto dele e meu coração, agora acordado e ferido, sentindo sua falta.

Eu me mudei para Danvers. Tive de vir dentro da ambulância, para que não pudesse identificar o caminho, mas não fazia diferença, eu estava em choque, cheio de raiva e mágoa. Estava estressado demais para tentar entender o trajeto, só sabia que parecia uma grande subida, e que havia sido uma viagem de quase quatro horas.

Por todas as noites tentei dormir cedo, na esperança de sonhar com ele novamente. Não conseguia me lembrar dos fatos ocorridos, só sabia que aquele menino era meu amor. Curiosamente não me lembrava do seu nome, muito menos do porquê de não estarmos juntos. Isso provavelmente era algo de antes dos dois anos de isolamento. Não fazia sentido... Mas eu sabia que amava aquele menino. E vê-lo de novo sem poder perguntar o porquê havia partido era a maior dor de todas. Seu rosto era tão familiar quanto um fantasma da infância que volta na adolescência para dar um último beijo. E então esse retorno nos faz lembrar que crescemos e perdemos tudo.

Porém, por mais que eu quisesse, não houve nenhum sonho. Tudo apenas foi piorando em Nova Danvers State.

17 de abril

Pense em um lugar imundo, barulhento e lotado de pessoas sem filtro algum sobre suas próprias atitudes. Nova Danvers State é uma casa velha pra caralho e caindo aos pedaços. Meu quarto aqui é pequeno e não pude trazer nada de minha casa. A janela tem grades, como dita o figurino de um projeto de hospício. Uma pessoa de branco vem me ver todos os dias de manhã, para me dar uma pílula branca, tirada de um frasco sem rótulo. Ela não sai até se certificar de que eu engoli o remédio. Mas não presta atenção o suficiente. A pílula deixa meu raciocínio lento e provoca uma sensação forte de sonolência. Não sei quem são essas pessoas de branco, mas me irrita a ideia de ter uma babá, ou pior, várias.

Não tenho o costume de sair do quarto. Eles sabem disso, mas me forçam a sair pelo menos um pouco todos os dias. Fico em uma sala junto de todos os outros “vizinhos”. O sol fere meus olhos, então não vou muito além do corredor e de onde as babás me obrigam. Os vizinhos são inconvenientes e de vez em quando ocorrem brigas... Malucos, dementes. Quando alguém se comporta mal, é levado para longe e às vezes não volta... Aqueles que voltam já tentaram me contar histórias sem sentido algum, mas não tive interesse em ouvir. Essas pessoas são loucas, estão sempre gritando, quebrando coisas e isso vai acabar me enlouquecendo também algum dia. Estou aos poucos me perdendo de minhas memórias, logo mais posso acabar me esquecendo de tudo...

Leio e escrevo dentro do quarto. Ao menos aqui tem livros, alguns papéis em branco e lápis com pontas tão gastas que mal escrevem, para que os pacientes mais jovens possam desenhar, de forma que não fiquem o dia inteiro incomodando as babás e os pacientes mais velhos. Encontrei o caderno em uma de minhas visitas à pequena biblioteca do lugar, e tenho o utilizado para manter a mente sã. Nele já havia anotações a respeito de alguns dos livros, mas joguei as páginas fora. Mantive o caderno escondido debaixo do colchão. Eles deveriam revistar os quartos, mas não o fazem. Além de antiético, o trabalho é mal-feito.

Não tenho conseguido dormir. Eles me forçam a comer e a ver um médico, e ele me faz perguntas que me fazem sentir desconfortável. Na verdade, não me lembrava de como era uma consulta médica. Não tenho vontade de conversar sobre o que houve. Isso é desnecessário e só torna as coisas mais difíceis. Eu digo que quero ir para casa, digo isso o tempo todo, mas nem sei se haveria uma casa para voltar.

Alguém de branco volta constantemente durante a noite para me dar mais uma pílula, dessa vez vermelha, que me faz sentir arritmia. Meu cérebro estava uma bagunça e eu me sentia com cada vez mais raiva. Após alguns dias seguindo a mesma rotina, me vi cansado de passar noites com o sono conturbado. Eram os remédios, estavam estragando tudo. Claro, é impossível manter uma mente racional quando se está entorpecido noventa por cento do tempo. Era óbvio: queriam que esquecesse tudo para que pudessem me pregar em uma vitrine como um manequim e mostrar o quanto havia melhorado. Não havia como ser depressivo e recluso se não soubesse claramente os motivos, não é? Decidi parar de tomá-los, e nesse momento, talvez em meu primeiro lapso de sanidade, tive uma ideia que me pareceu brilhante: morrer, acabar de uma vez com essa situação terrível. Havia tentado uma vez e agora possuía tempo de sobra para uma segunda tentativa.

Então, durante os dias que se seguiram, parei de tomar os comprimidos. Tenho escondido na boca e fingido que os engoli. Escondo-os no quarto para acumular até ter o suficiente para o sono eterno, a tão aclamada morte. Quando foi que passei a ser capaz de falar disso com tanta naturalidade? Quando foi que a ideia deixou de ser assustadora para mim? Todos temem a morte, enquanto eu a fito como um destino imutável. É como se fosse fechar os olhos e ouvir uma voz me dar um sonoro boa-noite, e então tudo sumiria, cada alegria, cada tristeza iria deixando de ter peso aos poucos, até se dissiparem em um mundo onde não existe nenhuma dor. Não há como perder coisas se você não tem nada. Tudo flutuaria para longe em um mar de sono sem sonhos. Um oceano de nada. Um lugar onde ninguém iria pronunciar meu nome, fosse com desprezo, fosse com amor.

Meu menino não estaria nesse mar... Nem colegas intrometidos, pastores desprezíveis, mães decepcionadas e pais que batem em seus filhos até que sangrem. Acho que comecei a lembrar aos poucos agora que o efeito dos remédios estava deixando meu corpo... Espero conseguir lembrar antes que tenha pílulas o suficiente.

18 de abril

Hoje fiquei especialmente irritado. Havia mais barulho do que o normal aqui em Danvers. Parece que um vizinho atacou outro pela manhã e o matou. Não entendi bem a situação, porque só escutei essa parte da história. Parece que a arma do crime foi um pedaço grande de vidro. Me perguntei por que não pensei nisso antes. As babás estavam diferentes e gritaram conosco. Elas nos mandaram voltar para os quartos e não nos deixaram comer. Quando perguntei o que eu tinha a ver com aquilo, me recusando a voltar para o quarto, fui arrastado de volta. A babá me disse que, se eu resistisse mais uma vez, seria levado para um castigo. Assim

que ela disse “castigo”, pensei nas histórias macabras que os outros moradores me contavam: sobre celas escuras e sobre pessoas amarradas em macas recebendo choques para aprenderem a obedecer. Como tudo o que já havia escutado sobre aquele lugar, não havia como saber a linha verdadeira entre os rumores e a realidade. Para mim, antes de chegar até aqui, Nova Danvers era o equivalente a um Papai Noel ou algo que o valha, ou seja, histórias que contam para fazer com que crianças se submetam às regras dos adultos, mesmo que essas regras não façam sentido algum, só para se aproveitarem de seus cérebros imaturos.

Mais tarde me tiraram do quarto para ver o médico. Ele se chama Claus, mas essa informação não é tão relevante. No começo achei que essas consultas eram semanais, mas depois de um tempo percebi que o intervalo entre elas era curto demais para ser uma semana. Dificilmente alguém me dizia a data, mas, em uma das salas havia um calendário, que certamente não era daquele ano. Eu só usava mesmo para cronometrar há quantos dias eu estava ali. Nem sei ao certo se as datas que registro neste diário são exatas. Não importa. Sigo escrevendo. Eu disse ao doutor que não haviam permitido que eu comesse, mas ele apenas se limitou a dizer que não poderia me dar tratamento especial.

Voltei para o quarto ainda mais irritado.

Ninguém fez um enterro para o vizinho morto. O vizinho assassino foi levado para outro lugar e não o vi mais. Ele devia ter mais ou menos a minha idade. Não liguei para esse detalhe na hora, só pensava no morto. Para mim, ele estava livre daquele tormento. Não demorou muito para que eu começasse a me sentir mal por pensar assim.

Me senti mal porque ninguém choraria em luto por aquela pessoa.

Não fazia muito sentido. Pelo menos eu estava sentindo alguma coisa. Logo eu que sempre estive preso em uma apatia sem limites. Era melhor do que o vazio. Era melhor sentir aquele desespero do que sentir que a vida é vazia. Danvers ainda era o inferno, faltava apenas o diabo aparecer.

27 de abril

Passei um tempo sem escrever, porque fui mandado para um castigo infernal. Era uma situação quase indescritível de absurda. Chego a agradecer por ter esse diário, pois assim posso fingir que alguém se importa.

Aconteceu que me envolvi em uma briga. Não foi a primeira vez e não será a última, porque pessoas como eu às vezes precisam se defender de pessoas sem cérebro. Quando frequentava o colégio, aconteceu muitas vezes. Tudo aconteceu quando escutei um vizinho falando algumas coisas pelo corredor. Um cristão fervoroso. Não tenho paciência com religião.

Apesar de vir de uma família muito religiosa, nunca tive interesse, porque a religião faz com que qualquer pessoa possa ser considerada uma aberração. E esse foi um dos meus maiores problemas de antes da reclusão: viver sendo taxado de aberração. Deus não é o problema, o problema para mim é seguir uma pessoa que se declara mensageiro *dele* “porque sim” e usa de palavras que deveriam fazer o bem para obter o controle. E por essas e tantas ainda existem lugares como esse.

O filho da puta resolveu falar sobre essas aberrações e isso me remeteu a muitas coisas ruins. Minhas memórias passaram por minha mente tão rapidamente quanto um trem desgovernado. Só consegui ver a luz. Ele vinha avançando para cima de mim, falando alto. E, como era previsto que Danvers ainda iria me enlouquecer, senti muita raiva. Quando me dei conta, estava em cima dele, socando a cara dele para fazer com que parasse de falar. As babás nos separaram e havia sangue nos meus punhos. Me lembro de estar muito alterado, de me debater e gritar com elas também. Então, fui arrastado para uma sala onde tiraram minhas roupas e bateram em minhas costas com uma espécie de chibata. Ou algo assim.

Após a surra, acabei me acalmando, claro. Estava sem forças. Não conseguia reagir à dor fazia muito tempo. A raiva foi anestesiada, jogada num oceano profundo onde tudo o que restava era seu ruído. Fui levado para o subsolo, onde havia várias salas vazias sem janelas. Fui jogado em uma delas, fechado lá, no escuro. Era como se meus sentimentos quisessem gritar, mas não possuíssem mais força para isso. Eles disseram que, se eu reagisse, seria acorrentado, que deveria estar grato por ter as mãos e pés livres. E isso me assustou um pouco. Nesse momento pensei nas histórias que os vizinhos contavam, sobre as salas escuras e as pessoas que não voltavam. As mesmas que antes acreditava serem rumores sombrios que aqueles loucos inventavam por não ter nada melhor para fazer. Pensei naquele instante que não voltaria, e que seria melhor assim... Mas voltei, e agora mais do que antes eu odiava aquele lugar.

Fiquei deitado na minha cama um bom tempo, mas ameaçaram me castigar novamente caso não me levantasse. Me disseram a mesma coisa em relação à comida horrível: se não a comesse, haveria punição. E seria cada vez pior. Tudo que estivesse fora das regras seria motivo para um castigo. Não era estranho que as pessoas estivessem tão caóticas, não mesmo.

28 de abril

Está chovendo bastante lá fora hoje, e sonhei que andava por uma longa estrada, sob uma garoa fina. No sonho, podia sentir a água tocando minha pele, a água fria da chuva que eu não sentia há mais de um ano. No fim, viver recluso tem seus males, como o de nunca poder desfrutar desse tipo de coisa. Mas não é como se valesse o preço que se cobra por viver em

sociedade. O mundo é cruel, e uma vez que se entra nele não há como evitar as dores, os rostos de desprezo... Não há como evitar encarar a morte, não como um medo, mas como um desejo.

Recomecei a pensar em tudo o que me ocorreu, agora com mais clareza, e meu peito voltou a doer. Por isso fingi que era tudo um sonho, tal como aquele em que andei sob a garoa. Se não fosse real, não seria errado e, se não fosse errado, ninguém precisaria se machucar mais, e eu não precisaria estar aqui. A chuva escorria pelas janelas gradeadas, e eu olhava para a floresta que se estendia, alta, ao redor dos muros da casa. Nem sinal da cidade, muito menos de uma possibilidade de voltar para casa. Se é que ainda havia uma casa me esperando, porque, se eu fosse meus pais, também teria me chutado para um manicômio e me abandonado lá para morrer.

Sonhei com a chuva, mas nada de sonhar com ele. Tudo o que eu queria era vê-lo, e essa ânsia me corroí e não acaba nunca. É uma das únicas coisas cuja memória é um borrão. Me pergunto como ele tem passado, se está em um lugar tão horrível quanto aqui. Tento ter mais dele do que meus devaneios, mas, quanto mais forço, mais meu peito dói, rejeitando essas memórias. Como eu disse: é melhor fingir que foi tudo um sonho.

Vaguei procurando seu rosto, mas é em vão, não há ninguém nem ao menos parecido. E acho sinceramente que nunca haverá alguém tão bonito quanto ele.

Onde ele estará agora?

Por que foi embora?

Dormir estava se tornando difícil novamente, creio que por causa do estresse e de todos esses malditos pensamentos. Nesse lugar há muito barulho e é impossível descansar durante o dia. As babás nos fazem estar todos no mesmo lugar, em bando, ou realizando alguma tarefa como castigo. Por alguns segundos me senti aliviado por não o ver entre os rostos de Danvers. Afinal, por que eu iria querer algo com mais um desses loucos?

Só queria vê-lo. Por que foi embora?

As noites sem dormir se transformam em choro. Por que ele apareceu se pretendia me abandonar ainda mais?

Por quê? Por quê? Por quê? Por quê?

Os pensamentos voltaram a se embaralhar em minha mente, trazendo mais memórias dolorosas. Memórias nas quais o rosto dele estava borrado. Memórias manchadas de sangue. Memórias das quais eu não sabia direito de onde haviam saído. Eu desejei que aquilo fosse real, mas também tive medo de que fosse de fato. Porque, se tudo aquilo fosse verdade, significava que eu nunca mais o teria de novo.

1º de maio

Hoje o dia foi terrível. Talvez um dos piores dias de toda a minha existência. Era dia de ter mais uma das intermináveis consultas médicas, mas foi a primeira vez que me dei conta do porquê de ter sido enviado a este lugar abominável. Me sentei naquela cadeira desconfortável, de frente para o doutor Claus. Ele me fez as perguntas rotineiras sobre as pílulas, as mesmas escondidas no rasgo do meu colchão.

– Lyandre, bom dia – disse ele, ao se ajeitar na cadeira, sinalizando para que eu me sentasse. – Tem tomado seus remédios nos horários adequados?

– Sim, doutor.

Ele não olhava diretamente para mim, e nem eu para ele, apenas escrevia em seu caderno enquanto falava.

– Tem sentido alguma melhora? Está se sentindo mais no controle?

– Na verdade, não me sinto fora de controle. É apenas tristeza e raiva, como já constatei.

O médico colocou a caneta entre o bloco de anotações e o fechou, então me encarou com um olhar de julgamento.

– Os medicamentos são para ajudar com seus... – hesitou – problemas mentais. Na verdade, você já notou, certo? Normalmente o seu tipo sabe desde a infância o que está errado.

Nessa hora tenho certeza de que franzi o cenho, pois detesto essa história de problemas mentais. Não é que eu não os tenha, mas eles sempre olham para a questão errada, tentam buscar motivos onde não existe nada. Na verdade, não acredito que tenha nada de errado comigo, além do fato de estar nessa merda de lugar, porque, até decidir virar um recluso, eu tinha uma vida funcional. Odiava estar com outras pessoas? Sim, mas vivia. A questão é que não esperava ser um recluso para sempre. Esperava, sendo racional, morrer ou eventualmente superar minha tristeza e voltar ao mundo. Pensei em dizer tudo isso, mas achei que seria uma perda de tempo. Ele não estava ali para tratar minha depressão.

– O que eu deveria ter notado, doutor?

– Bem, como devo explicar algo assim? – ele me olhava de cima a baixo. – A doença mental é uma outra explicação para o pecado. E, no seu caso, acredito que seu pecado, ou melhor, sua doença, seja o homossexualismo.

Nesse momento senti minha coluna enrijecer. Eu sabia que me achavam uma aberração, já esperava ouvir palavras sobre isso, mas pensava que a medicina nada tinha a ver com a religião e que colocar essa questão como doença havia sido há muito tempo proibido. No entanto, o choque não durou muito tempo. Afinal, eu estava no que era praticamente uma réplica de um dos mais macabros manicômios da história.

– Nós iremos livrá-lo dessa doença, não se preocupe. Você começará o tratamento de inversão amanhã mesmo e poderá deixar de ser essa abominação aos olhos de Deus.

Cravei as unhas na palma da minha mão direita, mas nem a dor me anestesiou dessa vez. Só sentia ódio.

– Não é maravilhoso? Você deve estar muito grato – disse o doutor em meio a um pequeno gracejar, com a risada escapando entre as palavras. Queria poder destruir a cara dele. Respirei fundo.

– O que você quer dizer com inversão?

– Vamos arrancar de você esse desejo repugnante e nefasto de se deitar com outros homens. Custe o que custar – ele riu descaradamente. – Não se preocupe, quando terminarmos com você, jamais pensará em tocar homens de novo.

Estava consumido pela raiva, tenho a certeza de ter alterado meu tom de voz.

– E o que faz o senhor pensar que eu gostaria de tocar outros homens?

– Nós sabemos dos pecados que você cometeu com aquele rapaz.

Ele, o menino bonito. Me lembrei de seu toque quase que de imediato, me lembrei dos encontros, dos beijos às escondidas, de todo o resto. Eu apenas tremia sentado naquela cadeira. Era humilhante, todos os meus segredos expostos a um médico primitivo, ditos como pecados, como algo repugnante.

– Nós sabemos que você deseja outros homens, criança estúpida. Devia ter mais respeito ao falar com os mais velhos. Estamos aqui para curá-lo, abominação.

E foi nesse momento em que tudo desapareceu, só restou o sentimento da raiva me aquecendo. Não suporto que falem sobre o passado, não suporto a forma como todos olham para a minha vida com repulsa. E, quando dei por mim, minhas mãos estavam na garganta do doutor Claus. E tudo foi muito rápido.

– Guardas! O homossexual está tentando me atacar! – ele gritou. – Ele não consegue conter seu desejo... Precisamos mais que inversão! Levem-no para o ECT, imediatamente!

Dois homens de branco entraram e me separaram do doutor enquanto eu me debatia e gritava. Ele então me deu um tapa forte no rosto.

– Você nunca devia ter me tocado, pedaço de lixo pecaminoso.

E então ali estava: o olhar de repulsa do qual fugi por tanto tempo no meu isolamento. Não era diferente de como eu lembrava. Mas não consegui dizer nada, estava em surto.

– Sua vontade por homens deve ser erradicada. Em nome de Deus, juro que farei com que você odeie homens, com todas as forças. Agora, levem-no daqui e me esperem na sala 3.

Depois disso, eu conheci de verdade o inferno. Pensava que os remédios, os olhares e a minha vida eram ruins, mas, quando aqueles homens me seguraram, me espancaram para que eu me calasse e me arrastaram pelos corredores, eu entendi: eles me fariam desejar morrer mais rapidamente do que meus planos.

Eles me prenderam numa maca dura e fria, de forma que não pudesse me mover, e colocaram algo em minha boca para que eu não conseguisse fechar meus dentes. Forçaram meus olhos a ficarem abertos com uma espécie de equipamento de metal, e então colocaram coisas em mim, por todo o meu corpo... E aí aquele desgraçado entrou, me mostrou imagens de homens fazendo sexo e, assim que eu esbocei uma tímida reação, começou. Devo ter gritado por horas, o choque que percorreu meu corpo foi tão doloroso que eu me contorcia e debatia, de forma que parecia que meus próprios músculos iriam rasgar uns aos outros. E isso era algo que eu não conseguia esquecer.

Senti minha garganta sangrar depois de tantos gritos de dor. Em algum momento, sei que perdi a consciência. Não sei por que me enxergam desse jeito. Não sei o que fiz para merecer isso. Não sei o que fiz para merecer ter meu único amor tirado de mim junto a qualquer dignidade.

Eu só espero que, onde quer que ele esteja, seja melhor do que aqui.

8 de maio

Não tenho mais forças para escrever. Nem para pensar muito sobre tudo o que está acontecendo. Em alguns dias não terei sequer forças para fingir tomar a medicação, pois assim que ela entra em minha boca, sinto uma ânsia tremenda e acabo a forçando garganta abaixo, por medo de vomitar. Aquela sensação de letargia voltou. Depois do que aconteceu naquela sala, acho que até prefiro que seja assim. Sei que eu disse antes que preferia sentir algo, mas o que não mencionei é que às vezes o vazio é mais fácil.

E acho que eu sempre fui desse jeito: vazio. E talvez estar comigo fosse tão intoxicante que me tornei a razão de as pessoas irem embora. Nunca foi em função de ser uma vítima incompreendida. Só que pessoas assim são exaustivas aos outros. E eu era um cuzão com qualquer um que se aproximasse. Era mesmo. Eu sei disso. E estava me acostumando a isso, me acostumando com esse sentimento de solidão. Podia morrer sem conhecer outras sensações. Não me importava, desde o início, isso nunca foi importante. Então ele veio... E mergulhou em mim como se a minha existência não fosse um suicídio emocional. Ele veio e acordou o coração que existia em meu peito, fazendo bater como um pássaro que voa em desespero.

E me deixou. O amor me abandonou para morrer. Porque só amor não basta para nos proteger desse mundo.

Então, que sentido havia em continuar?

Não sei nem porque estou escrevendo isso. Talvez, no fundo, eu tenha esperanças de que ele me encontre. Que leia. Mergulhe. Se afogue. Mas sei, no fundo, que ele não vai voltar...E eu continuo vazio.

Talvez você nunca tenha me amado. Você só retornou aquele dia para zombar de mim, para me perturbar. Porque você não sabe a diferença entre amar e destruir. Então vá! Vá e se certifique de nunca mais voltar. E que se fodam você e seu rosto bonito. Você seguirá em frente, viverá uma vida plena. E continuarei a ser a merda de um suicida.

Patético... Eu escrevo como se ele fosse ler isso. Mas sei que não vai. Não adianta ter raiva dele. Já estamos em mundos diferentes. Na verdade, acho que nós dois nascemos do mesmo lado do mundo, ele apenas escolheu fazer parte do lado onde o sol brilha. Enquanto eu caio direto para a escuridão.

Mas que merda... Que ódio. Eu não entendo.

Eu o quero de volta mais do que tudo. Ele foi o único que fez questão de olhar para além da face de desgosto que sempre lancei aos outros. Ele foi o único que me conheceu e me aceitou, que perdoou a minha existência falha, que me olhou como igual.

Mas foi embora.

Eu poderia estar em qualquer lugar do mundo, mas lutei por nós e agora estou preso aqui, escrevendo coisas que sei que vou me arrepender quando o efeito do remédio passar.

15 de maio

Eles dizem que se eu for bonzinho não vou precisar passar pelos choques novamente, mas não acredito em ninguém aqui. O tratamento de inversão tem sido intenso e me sinto cada vez mais exausto. São pelo menos três vezes de sessões por semana, e acho que seriam mais se aquele filho da puta do Claus quisesse. Eu não devia tê-lo atacado... Sei que não devia, mas o que ele disse foi errado. Ele me chamou de abominação e eu odeio essa palavra.

Nessas três vezes em que vou até o doutor, ele coloca uma agulha no meu braço, ligada a uma daquelas máquinas que têm em hospitais. Ele me mostra fotos pornográficas e injeta em minhas veias algo que me faz vomitar assim que as vejo. Acontece tantas vezes que minha garganta dói. É difícil comer depois, tudo me dá ânsia.

Quando as consultas terminam, me arrasto de volta para o quarto. Logo me tiram de lá e me levam para a sala de recreação. Uma das partes que mais odeio de Danvers é essa sala.

Eles deixam todos os moradores juntos a maior parte do dia e é tanto barulho... Isso quando não ocorrem as brigas e, por conta, delas os castigos.

Quando fui castigado, pensei que nunca mais iria querer ir parar naquela sala escura. Mas, se for comparar com o novo tratamento, diria que prefiro a escuridão a isso. Afinal, ela não me é estranha, não é dolorosa. É, na verdade familiar, confortante, tal como o quarto onde me tornei um recluso. E a solidão não me dói mais. É a única coisa da qual tenho certeza.

Exausto depois do tratamento, acabei dormindo em uma cadeira da sala de recreação mesmo, e sonhei com minha mãe. Era minha mãe, eu acho. Não, tenho certeza. Porém, havia algo errado, seu rosto... Ela não possuía nariz ou boca, apenas um par de olhos castanhos tristes, próximos do desespero. Ela tocava meu rosto e os olhos dela iam se enchendo de lágrimas, vazando aos poucos. Tentava me dizer algo, mas não saía nenhum som. Quis pedir desculpas, mas minhas cordas vocais estavam muito machucadas. Quis também chorar, mas alguém cortou minhas glândulas lacrimais há muito tempo. Não costumo chorar, só sinto essa tristeza vazia.

Só não sabia que eu era assim até mesmo em meus sonhos.

Sabe, chorar é a primeira coisa que fazemos quando chegamos a esse mundo. Sinto como se ser incapaz de chorar signifique que deixei de ser humano. É como se eu estivesse morto, mas preso a esse corpo.

E então tudo começa a se repetir e começo a me lembrar do que ela está dizendo, de estar em frente à porta do meu quarto. Do quanto me dói.

– Por favor apareça, eu não me lembro mais do seu rosto... Por favor.

Isso não é um sonho, mas uma lembrança distorcida. Provavelmente é uma das últimas lembranças de antes de vir para Nova Danvers State.

Eu abro a porta e a boca dela surge num rasgo, e ela diz:

– Você está tão magro... Parece até um fantasma.

Não consigo responder, apenas sentir o toque, que é tão estranho para mim. É estranho e confortante, provavelmente por ser minha mãe, o primeiro contato que tive com o mundo. Tento mais uma vez pedir desculpas, e então me lembro do quanto gritei quando me forçaram à terapia de choque. Será que, se minha mãe soubesse, ela ainda me mandaria para esse lugar?

– Faz tanto tempo, Lyandre... Faz tanto tempo desde a última vez que nos vimos.

Ela está chorando e isso me faz sentir uma merda. Ela me abraça e não consigo me mover. E nesse momento esse abraço é tão confortante, mas me faz sentir tão culpado. Eu não mereço isso. Eu não mereço nada.

– Desculpe, mãe – consigo dizer finalmente, mas sei que essas palavras não são parte da lembrança, apenas parte de um mundo de coisas que eu gostaria de ter dito, mas falhei.

Eu falhei.

Como filho, irmão, amigo, amor e até mesmo como pessoa.

E agora estou preso aqui. Sem poder me redimir pela merda de pessoa que eu fui. Sem poder voltar atrás, recuperar minha vida. Sem poder revê-lo nunca mais. Nada dessas coisas irão voltar, mas o que mais machuca é não poder vê-lo. Dói infinitamente e parece que meu peito vai se rasgar.

Acordei sentindo um desespero ainda mais profundo do que o que senti quando soube que iria ser mandado para Danvers, e corri de volta para o meu quarto. Não há como escapar. Não há como ser livre. Nunca mais nunca mais nunca mais nunca mais nunca mais eu vou ter minha vida de volta. Nunca mais nunca mais nunca mais eu vou ter ele de volta. Só há uma saída. Definitiva. Rápida. Chega. Chega para sempre.

18 de maio

Os dias que se passaram desde a última vez que escrevi são obscuros, há apenas algumas lembranças específicas. Me lembro de acordar em um lugar que parecia um hospital, mas antes disso eu o vi. Ele voltou e as coisas ficaram ainda mais confusas.

Vamos do começo: o que aconteceu foi que, depois do pesadelo, abri o rasgo em meu colchão, onde as pílulas estavam escondidas, e decidi que *essa* era a hora. E tomei todas que consegui, as vermelhas e as brancas, as mesmas que fingi tomar por dias na frente das babás. E então tudo ficou escuro e frio. Pensei que descansaria finalmente, mas abri os olhos para um lugar todo branco, onde eu tremia...

E era como se flutuasse. E lá estava ele, como que andando ao longe: o menino bonito. Ele me viu e se aproximou devagar, mas eu estava tão em choque, tão preso naquele estado quase fantasmagórico, que não consegui me mover.

– Lyandre... Eu disse para não fazer isso de novo. Você não entende o que está jogando fora?

Ele se abaixou, cada vez mais perto de meu corpo. E ver o seu rosto era tão bom, mas me preencheu de um ódio imensurável, tão puro e forte que me fez chorar novamente. Como ele se atrevia a se aproximar assim? Depois de todo o tempo que fiquei sentindo sua falta, depois de tudo o que ele me disse...

– Você... O que você está fazendo aqui?

Com um rosto de tristeza absurda, ele balançou a cabeça.

– A forma como você me vê é só um jeito de sua mente suportar a minha presença. As pessoas têm perspectivas diferentes de mim: algumas temem e veem um monstro, outras não

sabem o que pensar e vislumbram um vulto ou até mesmo um borrão. Mas você me ver dessa forma, como a forma de alguém que você ama, realmente me preocupa. Isso não é certo, ninguém deveria me ver dessa maneira.

Ele estendeu a mão para me ajudar a me levantar, mas não aceitei. Não era justo ele me olhar com esses olhos tão tristes. Não depois de me abandonar.

– Você falou antes que não me queria com você... E agora veio aqui para me dizer isso de novo? Não está cansado de me magoar?

– Lyandre, você ainda não entendeu? Eu não sou a pessoa que você vê. Quero que pare de tentar me ver... Eu sou a Morte, você me enxerga assim por desejar morrer. Não deve buscar isso.

Eu apenas não conseguia parar de chorar, o que era muito estranho, pois, como disse antes, eu não choro há muito tempo. Dessa vez é mais do que a rotineira tristeza vazia, é a dor diretamente no meu coração. E é desesperador. É como se meu peito fosse se partir em mil pedaços.

– Não... Não... Você veio até aqui para me abandonar de novo... Eu não acredito em você, nem em uma única palavra.

– Lyandre, você precisa parar de buscar a morte e olhar a vida. Virei buscá-lo na hora certa, mas tem que parar de me procurar. O que você está fazendo só vai acabar com você, precisa ser mais forte que isso.

Ele segurou meus ombros, me olhando nos olhos, e não pude fazer nada. Me vi completamente vulnerável ao seu toque.

– Você pode aprender a viver. Só precisa tentar. Você pode ser feliz.

– Eu não posso ser feliz preso naquele lugar de merda. Não posso ser feliz depois que você for embora de novo.

– Você não será abandonado. A morte não abandona ninguém, eu simplesmente espero o momento certo de vir para levar você comigo. Você pode escapar desse tormento, só tem que perseverar um pouco mais.

– Não faz sentido perseverar, não tem como escapar.

– Aqueles que perseveram saem vitoriosos. Não tema viver. Apesar das dificuldades, eu sei que existe felicidade em seu caminho. Agora viva e pare de me buscar. Eu virei no momento certo e espero que até lá você tenha descoberto um novo modo de me enxergar.

Ele sorriu de forma terna, secando minhas lágrimas com cuidado.

– Não esqueça: você pode ser feliz, apesar do que está acontecendo agora.

Tudo começou a ficar embaralhado novamente, e minha visão dele e do ambiente branco começou a vacilar.

– Não... Não vá.

– Viva, pequeno Lyandre. Viva. Eu virei quando chegar a hora. Agora: viva.

Enquanto falava a última frase, ele se levantou, se afastou e foi sumindo, como que se dissipando. Nisso, vomitei as pílulas e abri meus olhos por alguns segundos. Ainda estava no meu quarto em Danvers. Havia o vômito, o sangue e o quarto girando. Ouvi alguém gritar algo, e é tudo o que lembro antes de desmaiar mais uma vez.

Depois disso, me lembro de acordar no hospital, de responder às perguntas das babás, me lembro de ver vagamente o doutor Claus e de dormir profundamente sem ter sonho nenhum. Mas me lembro também de acordar no vazio e de ser mandado de volta ao meu quarto.

Eu falhei de novo.

29 de maio

Eles dizem que o meu pecado é o homossexualismo. O que um homossexual tem de tão perturbador à sociedade? Você pode me perguntar e eu respondo: a diferença. Pessoas diferentes perturbam a ordem natural das coisas. E por que a questão de com quem os outros fazem sexo é tão importante a ponto de me mandar para um hospital psiquiátrico? Eu não sei.

Todos aqui fazem questão de me lembrar dessa merda há cada consulta. “Homossexual e violento”, é o diagnóstico. Talvez depressivo, suicida ou recluso fossem palavras mais adequadas. Antissocial, misantropo, até mesmo paciente com agorafobia. Mas não cabe a mim dizer, afinal, desisti de me tornar médico quando desisti de viver. Como poderia salvar uma vida se não consigo sustentar a minha? Não tem sentido.

Ele me dizia que eu seria um bom médico, pois sempre fui o que chamam de sangue frio. No dia em que o conheci, foi o que ele disse. O menino bonito... Não consigo mais lembrar seu nome. E não quero lembrar, não queria nem lembrar o rosto. Porque esquecer é mais fácil...

Então por que eu continuo escrevendo?

Sei bem que a criatura que me visita não é ele... Não é o meu garoto bonito. Apenas está usando uma máscara que se parece muito com ele. Ela disse ser a Morte, com letra maiúscula, mas duvido... Talvez seja uma das minhas loucuras ou delírios.

Quando o conheci, ainda frequentava a escola. E era menos frio, acredito. Se fosse hoje, jamais teria me aproximado de alguém como ele. Os outros garotos não gostavam da minha presença, algo na minha existência os incomodava. As garotas eram todas irritantes e barulhentas, gritando como gralhas cedo da manhã. Não tinham nada de interessante. E eu não

entendia o porquê de todos escolherem uma menina como a mais bonita. Todos os garotos queriam beijá-la e fazer muito mais do que isso com ela... E eu? Nada. Quanto menos me atrelasse a essa ladainha, melhor. Podiam todos dar as mãos e mandar suas vozes altas para o quinto dos infernos.

Eu não quero lembrar. Mas não quero esquecer... E essa é a merda sobre o amor. Ele nos trai, nos torna tolos. O amor é uma disfunção hormonal. E o amor estragou tudo, como sempre.

No dia em questão, ouvi os garotos falando sobre a tal menina bonita. “A maior puta” de todas, era o que eles diziam. Seria fácil foder. “Não é, Lyandre?”, as vozes de repente olhavam para mim, daquele jeito nojento. Na época, eu ainda tinha energia para brigar, por isso disse: “Vocês seriam mais interessantes, se não fossem porcos de merda”. E, quando *homens* sentem que perderam a posição de poder, o que resta para eles é agir com os punhos, já que as mentes não têm o intelecto suficiente para argumentar. Eram cinco e eu apenas um. Após apanhar como nunca e ser deixado ali no chão mesmo, feito um feto, me levantei. Não fazia frio, mas eu já estava em estado de anestesia. A dor não me abalava.

Fui me arrastando até o banheiro e cuspi o sangue na pia. Também não era importante. Apenas o líquido que corre dentro de nossos corpos, fazendo tudo funcionar. É uma máquina trabalhando, até o dia em que para. E aquilo não era o suficiente para me fazer parar. Enquanto eu estancava o sangue do corte em meu lábio, Ele apareceu no banheiro. E disse:

– É muito sangue... Você precisa de ajuda?

– Não. Cai fora.

– Eita, amigo... Não precisa ser tão rude.

– E você não precisa encher a porra do meu saco quando consegue ver claramente que estou resolvendo um problema.

Ele riu. E foi isso o que me fez olhar para o rosto.

– Você está sofrendo, não é?

– Não – respondi e apenas o olhei com espanto. Normalmente as pessoas com quem sou agressivo não dão risada.

– Eu acabei aprendendo... Quando as pessoas sentem raiva assim, é porque estão com muita dor.

E aí estava: a primeira verdade.

– É muito sangue mesmo. Você deve ter muito sangue frio... Seria um bom médico.

O cabelo dele era escuro, e os olhos também. Se dissesse que era a Morte me cortejando, eu acreditaria, embora soubesse que aquela criatura estava me testando, usando o rosto de quem

eu amava, fazendo as memórias voltarem. Depois de ele ter me dito que eu seria um bom médico, me levantei e fui embora. Mas as palavras dele me seguiram.

31 de maio

O doutor Claus diz que o problema dos homossexuais é que são pessoas que não possuem deus no coração. Eu não acho que seja essa a questão, mas o fato é que em algum momento da vida deixei de amar deus. Não saberia dizer quando foi que me tornei cético, porque sempre o fui. De alguma forma é como se minha melancolia viesse da infância, do nascimento. Achava que todos passavam por esse momento, que, na passagem para o fim da infância, as coisas se tornavam amargas mesmo. Mas eu era diferente, como sempre, inadequado.

Perdi a fé em deus quando o estado de minha irmã Beatrice se agravou. Na infância éramos próximos, mesmo que não lembre muito do fato. Eu tinha alguma expectativa de que ela fosse se sentir melhor das dores, e pedi isso a deus. Meus pais rezavam todos os dias, várias vezes, íamos à igreja sempre juntos. O padre disse que não nos preocupássemos, afinal o amor de deus a curaria. Mas os anos foram passando e não houve porra nenhuma de amor de deus curando uma doença crônica. E todas essas palavras que nos davam esperança eram mentiras. Um pai que ama a todos e cujo amor tudo cura não deixaria que isso acontecesse a uma criança inocente. Pois se deus criou os males que assolam a humanidade, significa que ele não é bom.

Era por isso que eu queria ser médico, para ajudar pessoas como minha irmã. Agora lembrei. E quando contei isso ao menino bonito, ele sorriu. Ele disse que sabia que eu não era tão frio. E sorria tão bonito...

Perdi as esperanças em deus por causa da doença de minha irmã, como se a dor dela e seu desespero fossem contagiosos, infectando a família. Uma criança que não podia brincar, não podia correr por aí, como as outras. Presa à cadeira, à casa, a si mesma. E ainda sentindo dor. Era lamentável. Depois de ser arrastado por essa tristeza familiar, passei a sentir muita raiva da igreja e de todo aquele falatório. Mas continuava frequentando às missas, afinal, era o que todos faziam. E continuava ouvindo os discursos raivosos, mentirosos e sem sentido. Eu entendi que a existência de homossexuais era errada antes mesmo de me entender homossexual. Eu entendi aquela existência como pecado e doença, eu a temi. E imagino que alguém consiga deduzir o porquê a minha descoberta me fez mais miserável, a ponto de não querer mais conviver com pessoas. Quando descobri que era essa abominação dita pela sociedade, quis me odiar e me culpar pelo sofrimento de minha família: uma represália de deus. Mas não consegui

concretizar o ódio em mim mesmo e me extinguir antes que fosse tarde. Ao invés disso, comecei a odiar o mundo, por trazer a mim todas essas tristezas que eu julgava desnecessárias.

Ter esse velho maldito, que se intitula psiquiatra, me lembrando desses fatos me faz ter vontade de apertar a garganta dele outra vez e não soltar. Mas aceno com a cabeça, em silêncio, e respondo de forma monossilábica. Quanto mais eu concordo com ele, mais fácil é. Tudo o que evite os choques de novo. O tratamento de inversão com os vômitos é ruim, mas não chega nem perto do sofrimento da terapia de choque. Sinto arrepios só de lembrar.

3 de junho

Em breve fará três meses dessa tortura. O doutor Claus repete que preciso querer a mudança, que preciso querer deus no meu coração e que o amor será a cura. Eu também acreditei que o amor era a cura, até o tirarem de mim.

Se o mundo não fosse o caos que é, se tivesse podido nascer sem ser eu, o amor provavelmente teria curado as minhas dores, como todos da igreja diziam que deveria. Mas eu fui habitado por essa coisa obscura, não o fato de ser homossexual, mas a vontade de morrer. Me entendi aberração, apesar disso quando cresci, entendi que não era essa a doença que eu tinha, eu apenas era depressivo. E sempre fui. O desejo da morte sempre esteve aqui, mesmo que isso me apavorasse na infância. Esse sentimento obscuro dormia comigo, e me abraçou até que me rendesse, até nos tornarmos apenas um.

O menino bonito via isso em mim. Ele sempre viu e, depois da primeira vez em que conversamos, passou a encher ainda mais o meu saco. No entanto, o fato de que ele conversava comigo impedia os outros de me fazerem de chacota. Era uma pessoa estranha, sorridente e de fala tranquila. E quis odiá-lo por isso, mas não consegui. Passava quase todo o tempo na escola comigo. Quando percebi que estava começando a gostar daquilo, a única coisa que consegui pensar é que era um beco sem saída. Me apaixonar seria a maneira perfeita de foder com tudo. Afinal, éramos quase opostos. Ele era o sol entrando pela janela de manhã, eu era a escuridão da madrugada, que escondia tudo de ruim que existia. Não estava certo de que ele quisesse ser meu amigo, imagine mais do que isso. A ordem natural era que ele continuasse sendo a manhã. E eu? Continuaría bebendo da minha tristeza. Continuaría solitário e continuaría atormentado pela minha própria escuridão. Mas não.

Como numa história de amor clichê, ele me escolheu.

Aos poucos comecei a perceber que ele também era depressivo. Porém, guardava esse fato bem escondido, bem em seu íntimo. Talvez por isso tenha me escolhido, por ter visto

alguém com esse mesmo vazio. E não querer ver alguém que não sabia mais sorrir acabar assim do jeito que eu estava.

Ele me deixou conhecê-lo.

Eu via essas frações de melancolia em seus olhos.

Diferentemente de mim, ele havia perdido o pai quando criança. O pai dele havia tido um mal súbito ou algo parecido. Quando estávamos próximos há um tempo, o menino bonito revelou que ele já havia desejado morrer, para assim poder voltar aos braços do pai. Aquilo me fez chorar de raiva, porque não era justo que alguém pudesse não ter nascido uma aberração e ainda assim tivesse sofrido. Ele riu porque eu estava chorando, e ameacei lhe dar um soco, porque, em parte, me sentia idiota por ainda ter aquela crença vinda da infância, mas também sentia que ele estava debochando de mim por chorar.

Eu nunca chorava.

Até hoje isso é uma verdade. Mas a dor dele me fez chorar, e acho que foi nesse momento em que o amor se concretizou na minha mente, o momento em que a dor dele ressoou como se fosse a minha.

Ele disse que eu não precisava chorar. E nesse momento me abraçou, e aquilo parecia tão certo. Como se depois de anos, finalmente, tivesse encontrado o que estava procurando. Isso me fez chorar mais. Queria pedir a ele que não fosse embora, porque sabia que, quando nos despedíssemos, a sombra de minha doença iria voltar e me fazer querer fugir daquele sentimento. Eu sabia que, quando o aceitasse, tudo seria diferente. Não queria que aquilo mudasse, não queria que nossas conversas acabassem, não queria que ele me encarasse com a mesma frieza que os outros colegas.

Mas ele era diferente. Bom em me ler. Me abraçou até que eu parasse de chorar.

E, quando acabei, veio com a piadinha:

– Então você também chora. Sabe o que quer dizer?

– Que você é um babaca?

– Que deve sorrir também.

– Você é muito estranho, sabia? – respondi, em negação.

Ele ponderou por alguns segundos.

– Nós temos muito em comum, então.

Sem que eu me desse conta, me segurou próximo a ele e me beijou. Não consegui reagir, só fiquei olhando, embasbacado. Ele riu de novo.

– Não era essa reação que eu esperava, Lyandre.

Eu amava a forma como meu nome soava em sua voz. Mas aquilo estava errado.

– Você é maluco. Nunca mais se aproxime de mim – eu disse, antes de sair correndo.

Mas não estávamos vivendo em uma epopeia, então eu, sedentário, não consegui ir longe antes que ele me segurasse. Ele me dizia para ter calma, e foi aí que comecei a gritar com ele. Falei muitas coisas que não acreditava, sobre ser uma abominação, sobre ser um pecado. Ele sabia que eu não era religioso. Mas ouviu em silêncio o que disse.

– Lyandre, eu sou como você – ele disse, quando acabei. – Não sei dizer ao certo o que somos e o motivo de acharem isso tão condenável, mas não me sinto errado em nada do que sinto. E você não deveria também. Eu vejo você, sei o motivo pelo qual se odeia. E você está errado sobre si mesmo. Se eu quis beijar você foi por que...

– Fale baixo. Você está louco.

– Louco, não. É uma palavra horrível. Agora fique em silêncio, para que eu possa terminar. Se eu quis beijar você, foi porque você me cativa. Não vou mais beijá-lo se não quiser. Vou embora se você quiser e não nos falaremos mais. Mas pelo menos uma vez na vida seja sincero consigo.

As palavras começaram a escapar da minha boca. Todas elas. E me vi vulnerável, ao amor, a ele.

7 de junho

A culpa de minha depressão não é dos meus pais, nunca foi... Mas a de seu agravante é. Culpo meus pais por terem me afastado quando perceberam que eu era diferente. E são culpados por terem me enviado para esse lugar. E não podem dizer que não sabiam do que se tratava, afinal... Todos sabiam, apenas tratavam a existência do manicômio como uma lenda urbana, algo para assustar as crianças e fazer com que elas se comportem. No fundo, eu mesmo pensei por muito tempo que não fosse real, pois era surreal acreditar em tamanho absurdo e falta de ética. E, então, afundado em minha depressão, fui despachado... Mandado para cá como se não fosse nada além de um ser DEFEITUOSO.

Há muito tempo, quando estava na escola, li um livro chamado *Frankenstein*. É uma das poucas coisas que me lembro do período que antecede a chegada dele na minha vida. Na época, não tinha idade para processar a profundidade do livro, uma metáfora para o abandono paternal. Assim como também é uma metáfora para o ser humano: o monstro foi criado de partes dos corpos de outras pessoas e, mesmo depois de tanto trabalho daquele cientista, o verdadeiro Frankenstein, ele acabou sendo julgado como aberração. E aí me pergunto: quem era mesmo o monstro? E por que aberração? Aberração por que ele era diferente?

Meus pais me despacharam e me abandonaram por eu ser diferente também. Eu também sou uma aberração. Mas o que é ser diferente afinal? Se todos os seres humanos são diferentes uns dos outros...

Não culpo meus pais por me julgarem, mas culpo pelo que fizeram com seu julgamento. Assim como deveriam ser culpados os pais de todos os pacientes dessa clínica. Assim como deveriam ser culpados todos aqueles que decidiram que recriar um manicômio, às escondidas, era uma boa ideia.

Na versão do livro que li, o monstro chega a perseguir seu criador, sem entender o porquê de tanto ódio. Sem entender o porquê estava fadado à solidão... E eu queria mentir e manter essa pose fria, agir como se não me importasse, mas também não entendo.

O dia em que meus pais descobriram sobre mim foi um dos piores em toda a minha vida. Recebi nesse dia o certificado de que viveria sozinho. É uma história desagradável.

Fazia alguns meses que eu e o menino, agora meu, estávamos vivendo uma relação sem que ninguém soubesse. Ficávamos juntos na escola como amigos, mas, sempre que ocorria uma oportunidade, nos isolávamos. Ou ele me beijava ou segurávamos as mãos. Era algo inocente, pelo menos no começo, mas queríamos mais.

O menino bonito queria ir até minha casa, mas como Beatrice sempre estava por lá, quando não estava no médico, disse que não. Então, combinamos que seria na casa dele, já que ele vivia sozinho com a mãe, e ela estaria trabalhando naquele horário. Seria a primeira vez que ficaríamos sozinhos sem nos preocuparmos com a possibilidade de alguém poder aparecer e estragar tudo.

E tudo foi perfeito, fizemos tudo o que queríamos e pudemos ficar deitados juntos na cama dele. Queria que aquilo durasse para sempre, queria me casar com ele, foi o que fiquei pensando o tempo todo, enquanto o via ali, deitado em meu peito, com seu corpo nu, que era uma das coisas mais belas que eu já havia visto. Ele me olhava como se eu fosse a paisagem mais bonita de todas. Tudo perfeito. Mas cometemos um erro: adormecemos.

Ele me acordou com pressa, parecia assustado, dizia que sua mãe logo estaria voltando. O céu estava escurecendo. Eu me vesti rápido, me despedi dele e parti para casa. Foi uma longa caminhada, e não sabia ao certo o que me esperava em casa. O céu foi ficando cada vez mais escuro, como os olhos dele eram. Eu corria pela rua, sem saber direito que horas eram, se meus pais teriam dado pela minha falta. E, quando passei pela porta, lá estavam os dois, na sala de estar. Minha mãe tinha o telefone nas mãos.

– Onde você estava? Quase chamei a polícia! – ela me repreendeu.

Gelei. Devo os ter encarado em silêncio por pelo menos dois minutos.

– Estava estudando com um amigo...

– Um amigo? – meu pai ergueu a sobrancelha.

Eles sabiam que eu não tinha amigo algum... Mas apenas assenti. Isso fez eles se olharem. Meu pai disse:

– Certo, Lyandre, que bom que você estava estudando. Apenas se certifique de não repetir a façanha... Do contrário terei que proibi-lo de ficar saindo por aí.

Seu tom era severo e desconfiado, como se estivesse me analisando. Forcei um sorriso e parti para meu quarto. Os dias que se seguiram foram comuns, meu segredo ainda parecia dormir apenas comigo. Ainda o veria na escola, apesar de saber que o ano letivo estava acabando e nós faríamos apenas as provas. As desculpas de sair para estudar aumentaram em função disso, de forma que podíamos nos ver quase todos os dias. Eu estava *quase* feliz, não fosse pela depressão praticamente crônica que eu carregava.

Naquela mesma semana meus pais me convidaram para ir à igreja. Fazia algum tempo que não íamos juntos, pois eu fazia de tudo para não ir. E, no culto, o pastor começou a falar outra vez sobre homossexuais. Meu pai me olhava fixo, tentando ler minhas reações como se eu fosse a bula de um medicamento. As agressões que sofri na escola passaram em frente aos meus olhos, ele poderia tê-las visto se meu rosto fosse um projetor. Por aquela fração de tempo, senti o peso de carregar aquilo como um segredo em meus ombros. E quis dizer: “Eu sou”. O que vai mudar? Ainda serei o mesmo, ainda serei filho de vocês e ainda serei infeliz nesse mundo. E por aquela fração de tempo tive certeza de que nada me faria mais infeliz do que aqueles fatos, não havia nada que pudessem fazer para piorar os meus sentimentos.

Mas eu estava errado.

Ele me olhou nos olhos, e eu soube que ele sabia a verdade. Não dissemos nada. Estava escuro quando caminhamos para casa, já que a igreja era perto, olhei para as árvores ao longe e imaginei que, se corresse e passasse por elas, talvez poderia encontrar um lugar onde não precisasse viver às escondidas. Eu queria fugir, mas escolhi ficar, por causa do meu menino, porque o amava. Mas, de alguma forma, sabia que cedo ou tarde precisaria enfrentar minha família. Se quisesse ter um futuro com ele, não poderíamos nos esconder para sempre. Estávamos cientes disso...

Por isso, quando me deitei para dormir naquela noite, meus olhos mal se fecharam. As lágrimas queriam sair, mas não conseguiam.

8 de junho

Tem sido difícil continuar escrevendo, não tenho tido forças para nada, nem mesmo para manter o diário escondido. E agora, de certo modo, não faz mais diferença se o descobrirem... Será só mais um castigo nesse lugar sem esperança. É como se os fantasmas do meu passado estivessem se enroscando em meu pescoço agora que os lembro. Minha garganta dói... Dói tanto. Não entendo a necessidade que sinto agora de terminar de contar a história. Mas não consigo não escrever. Uma parte de mim quer ter meu amor lembrado; a outra, quer justiça pelo o que passei, por esse tratamento estúpido...

No fundo, acho que tudo aconteceu em virtude de eu querer achar que merecia amor. Ao invés de me contentar com ser a aberração, quando aquele garoto surgiu em minha vida, me rendi a essas tentações.

Eu estava errado em querer amor?

Sabia que devia ter fugido, mas não o fiz. Depois de alguns dias de sofrimento, decidi que sim: eu merecia o amor que havia recebido. E lutaria por ele se precisasse. Mesmo que precisasse abandonar minha família. Decidi que faria tudo por aquele sentimento, por aquele menino.

Ainda mantínhamos o cuidado de não deixar que descobrissem sobre nosso namoro, mas estava me sentindo farto. Ele percebia isso, por isso fizemos planos. Era lindo o que ele dizia: que precisaríamos esperar estar um pouco mais velhos, concluir a escola, que então fugiríamos juntos para um lugar onde ninguém nos conhecesse. Um lugar além da floresta que nos cercava e além das lendas que usavam para nos assustar. Não poderíamos nos casar, pois éramos aberrações para a igreja, mas poderíamos viver juntos. Nunca nos livraríamos dos olhares, eu sabia, mas ainda parecia melhor do que o que tínhamos.

Aquela vida na surdina.

Um plano perfeito, repleto de adoráveis mentiras.

Eu estava mais deprimido do que o normal, e tentando me animar, ele me fez um desenho. Era bem feio, os dotes artísticos dele não eram os melhores, mas era um desenho de nós dois em uma casa. Embaixo estava escrito: esse futuro não está tão distante, só espere um pouquinho! Eu prometo que viveremos juntos.

Guardei o desenho na minha mochila, mais um de meus segredos, como um tesouro. E naquela tarde saí para vê-lo escondido de novo. Foi aí que cometi o segundo erro: deixei a mochila no meu quarto. Quando voltei para casa, meu futuro estava sobre a mesa da sala de estar, e meus pais estavam ali sentados, esperando por mim. Tudo ficou frio mais uma vez. A maior parte da conversa foi um borrão. Meu pai nunca havia me batido, mas naquele dia isso

mudou. Minha mãe apenas chorava, inconformada. Eles perguntavam insistentemente quem era ele, mas não sabiam o quanto estive determinado em proteger essa relação. Não citei seu nome. Não importava o quanto gritassem, o quanto me agredissem.

Beatrice se viu obrigada a sair de seu quarto e intervir, por mais que a cadeira a impedisse de se colocar no meio de nós todos. Disse que se tocassem em mim, ligaria para a polícia. Ela gritou algo como que eu “ainda era da família”, que meu pecado não era motivo para que cometessem outro ainda maior. Deveria ter agradecido a ela, mas não consegui. Meu nariz sangrava, mas eu ainda estava anestesiado, focado na minha vontade de proteger o amor que tinha recebido. Meu pai saiu de casa, enfurecido...

Minha mãe e minha irmã apenas continuaram o questionário:

– Quem é esse menino? O que ele fez com você? Ele coagiu você de alguma maneira?

Ele é a pessoa mais sozinha que já conheci. Ele é como eu, amargurado e triste. Talvez menos amargurado... Tudo o que ele fez foi me amar, pensei.

Deus ama todo mundo, ele vai perdoar, Lyandre, Mas para isso você precisa aceitá-lo em seu coração. Precisa dizer a verdade. Elas diziam.

Se deus amasse a todos tanto assim, então teria curado a pobre criança presa à cadeira de rodas cujos pais pediram tanto, orando todos os dias por dezenove anos. Se fosse benevolente assim, seríamos como a religião prega: todos iguais, todos dignos de amor. Por que eu não? Por que nasci diferente?

Seus rostos não pareciam mais da minha família. Eram máscaras teatrais, escondendo pessoas covardes demais para encarar o mundo fora da bolha perfeita idealizada pela igreja. Eram pessoas que precisavam dos punhos de alguém mais forte para exercer o poder, para impor a submissão.

Não respondi a suas perguntas. Não disse o nome dele. Mas a cidade era pequena, deram um jeito de achá-lo, de chegar até a mãe do meu menino bonito.

Nos expuseram.

Eu estava habituado aos olhares e agressões na escola, mas não ele. Não sabíamos o quão longe aquilo iria.

12 de junho

Lembrar é doloroso demais, mas agora não consigo evitar. Os choques devem estar me afetando. Não sei o que fiz para merecer tanta dor. Tenho que terminar logo isso, para poder partir. Preciso que saibam.

As agressões foram se intensificando dentro do ambiente da escola. Não podiam nos ver próximos um do outro. Não conseguíamos mais conversar. Eu ainda tentava. Revidava os ataques e as palavras de ódio. Mas parecia que, quanto mais lutasse, mais forte se mostrava aquela violência. Queriam a nossa destruição, de corpo, alma, mente.

Em uma noite, enquanto meus olhos não queriam se fechar, ouvi uma batida em minha janela. Quando abri as cortinas, ali estava ele, o meu menino bonito, branco como um fantasma. Tremia como se a temperatura estivesse negativa. Quando abri a janela, meu estado de anestesia emocional foi passando, porque a dor dele era mais importante do que a minha.

– O que aconteceu?

– O pastor... – ele gaguejava. – O pastor estava lá em casa, armado, falando absurdos... Eles vão nos matar, Lyandre. Eles não vão nos deixar viver em paz.

Tentei tocá-lo, segurar suas mãos, mas ele me afastou. Estava desesperado, exausto, ferido por dentro.

– Calma... O que o pastor disse? Como assim? – eu sussurrava, e via minhas palavras fluírem diante dos olhos dele. Não conseguia acessá-lo.

– Ele disse à minha mãe que não há salvação para nós. Que deus havia o encarregado de nos matar antes que fossemos consumidos pelo pecado. Disse que você nunca teve jeito, mas que havia uma maneira de me consertar... – agora ele chorava, soluçando. – E chamou a filha dele...

– Puta merda...

– Eles falaram que deus estava me dando uma escolha, que se me casasse com a mulher, poderia me livrar... Do contrário, me levaria direto para o inferno. Eu não quero morrer... – O choro era cada vez mais copioso, tanto que eu não conseguia dizer nada. – Mas não vou me casar com ninguém que não seja você. Eu não vou.

Se talvez eu tivesse reagido um pouco mais rápido, talvez o tivesse impedido. Queria ter dito que ele se acalmasse, que poderíamos fugir juntos. Mas a verdade é que aqueles eram sonhos infantis. A polícia iria atrás de nós, éramos dois meninos, seríamos jogados de volta nessa cidade, e isso poderia piorar nossa situação. Enquanto ponderava, tentei tocá-lo mais uma vez, mas ele não deixou.

– Fique calmo – tentei dizer. – Sua mãe não vai permitir que matem você.

– Ela vai... Ela insistiu para que eu me casasse com aquela mulher.

Como alguém pode deixar apontarem uma arma para o filho e não o proteger?

– Eles disseram que vão matar você. Não posso ficar aqui e ver isso. Não consigo.

– Ninguém vai me matar, eles bem que queriam. Estão tentando assustar você.

– Não. Você não viu o jeito que ele apontou a arma para mim. Ele teria atirado ali mesmo.

Eu não sabia o que fazer. Por isso, apenas pulei a janela, tentando ficar mais perto dele. Enquanto o abraçava, ele não parecia se acalmar, só tremia mais e mais... Era quase como se tivesse fitado a morte nos olhos.

Lembrei-me da criatura que havia aparecido para mim quando tentei me matar. Se ela tivesse falado com ele, teria sido diferente?

É sua culpa também, Morte... Você deveria ter dito a ele o mesmo que me disse... Deveria ter dito a ele para viver.

Quando meu menino bonito se soltou dos meus braços e correu para longe, você deveria tê-lo segurado como me segurou quando tomei as pílulas. Deveria ter-lhe mostrado a mesma face doce.

Quando ele correu, aos prantos, sem enxergar nada, eu entendi que não havia nenhum deus olhando por nós, fosse isso bom ou ruim. Aquela existência era apenas um vazio. Era quase palpável, feita de dor.

E, quando o carro o atingiu de supetão e seu sangue se espalhou pela avenida, suas palavras ecoaram em minha mente:

– Eu não quero morrer.

Mas tudo o que consegui foi gritar seu nome:

– Logan!

13 de junho

Desde o carro, as lembranças são um borrão. Havia muito sangue, muito... As ruas se encheram de vermelho e de olhares. Eu tremia, ainda não conseguia aceitar. Quando a ambulância chegou, já era tarde, ele tinha morrido instantaneamente, quase como se alguém tivesse ouvido sua súplica.

Mas era para ser eu.

Era eu a porra do suicida.

Ele havia partido, havia me deixado, sem opção de dizer que não. Não consigo me lembrar de como saí da rua. Minha mente ainda está lá, em choque, olhando o corpo. Durante o primeiro ano inteiro, ainda o via quando fechava os olhos. Minha alma ficou presa naquele momento até hoje.

Logan, você me deixou aqui, de frente para seu cadáver. Não devia ter corrido... Eu devia ter segurado você mais forte.

Não sei se qualquer coisa que tivéssemos feito diferente haveria mudado esse resultado medonho. Só sei que, quando a realidade caiu e tive que admitir que ele havia morrido, chorei até desmaiar de tanta dor. Meu peito doía, meu corpo não reagia. Parecia que estava vivendo um pesadelo.

Quando acordei, Beatrice estava ali. Estávamos no hospital. Meus pulsos doíam.

– Lyandre...

Eu não queria falar com ninguém. Se antes de tudo isso já podiam me considerar uma aberração, agora ainda mais.

– Lyandre – ela insistiu, e foi quando a olhei. – Eu preciso perguntar uma coisa.

Tentei falar, mas não tinha forças. A voz não saía.

– Tudo bem, pode responder com a cabeça. Logan era o nome daquele menino?

Assenti.

– Você chamava por ele enquanto dormia. Enquanto chorava... Eu não via você chorar desde que era um bebê – ela disse. – Na Bíblia fala que o que você fez é um pecado carnal... E que isso é deplorável. Mas, se fosse apenas pela carne, não acho que você estaria chorando desse jeito.

– Eu o amava, Bea... – foi a única coisa que arrumei forças para dizer.

Ela respirou fundo, processando a informação. E ficamos em silêncio por muito tempo. Quando os nossos pais chegaram, nossa mãe me abraçou, disse que era bom que eu estivesse vivo. O que ela não sabia era que eu havia morrido, meu coração havia partido junto de Logan, estava jogado no asfalto em meio ao sangue e sem nenhuma dignidade. Éramos como animais mortos.

E houve muitas conversas com a polícia, com a mãe dele, com o pastor. Queriam que eu me reerguesse de repente e explicasse tudo. Queriam que assumisse a culpa por converter um jovem tão bom ao pecado, a ponto de o levar à morte. No fundo, sei que queriam me culpar por tudo o que não entendiam, por tudo de diferente que eu e ele éramos.

Mas a culpa não era de ninguém além deles...

Eles o haviam matado.

Logan, você disse que viveríamos juntos. Você prometeu que esse futuro não estava tão distante.

Não faz sentido... Parece uma piada de mau gosto. Agora que me lembrava de tudo, não parecia que havia sentido em continuar. Afinal, meu menino já não existia.

Por isso, quando encarei o doutor Claus nos olhos, lhe disse:

– O problema, doutor, não são os homens – eu soava quase cínico. – São belos, mas desprezíveis. Aquele rapaz era único. E seu nome era Logan.

– Creio que a sinceridade seja um passo. Pois bem, confesse diante de Deus – ele disse, mas não prezava por minha cura, apenas queria mais um motivo para me punir. – Se refere ao moço que você matou?

– Não, doutor. Eu não o matei. Não sou um assassino e o seu deus sabe bem disso – era quase como um jogo. – Aqueles que o mataram foram os líderes da igreja de minha pequena cidade, que, ao invés de nos ajudarem a encontrar uma cura para a intolerância, ameaçaram nos matar. Não sou um assassino, sou um suicida, anote isso.

– Olhe a língua. Quer ir para aquela sala outra vez?

– Pode me mandar para lá o quanto quiser. Conheço dores mais profundas do que aquela. – Aí estava a maior verdade que já havia dito àquele médico.

Ele hesitou, revisando suas anotações, procurando um pretexto.

– Entendo. Talvez eu tenha uma opção diferente para você. Algo mais definitivo.

Esperei, ansiando por aquele fim.

– Já ouviu falar em lobotomia?

– Sim, senhor. Eu esperava me tornar um médico, afinal.

Ele quase riu.

– Se sobreviver, talvez tenha uma chance.

– Não precisa mentir, charlatão. Sei muito bem que os pacientes daqui não voltam para casa.

– Então, considere este o destino que deus escolheu para você. Agendarei a cirurgia para a semana que vem.

Assenti e me levantei da cadeira.

– Ainda não acabei com você – ele protestou.

– Foda-se. Vou morrer semana que vem mesmo.

O argumento pareceu convincente. E segui para o quarto. Me sentia, incrivelmente, em paz. Lembrava o que aquela criatura havia me dito. Sabia que a morte não abandonava ninguém. Talvez fosse verdade. E talvez assim pudesse rever meu amado Logan... Não era o final feliz que esperávamos, e não era nossa promessa, mas era algo eterno também.

Quando adormeci naquela noite, porém, lá estava meu menino, ou aquela criatura, me fitando de dentro de um sonho:

– Não costumo interferir dessa maneira. Porém há um certo menino do outro lado... Um menino que fitava a morte, mas também amava a vida – ele se sentou ao meu lado, sua aparência

era a de Logan, mas havia diferenças sutis surgindo conforme falava. – Esse menino deveria ter tido uma vida longa... Mas acabei o buscando mais cedo. Nem sempre as circunstâncias são gentis para aqueles que são diferentes.

Agora seus olhos eram completamente escuros, sem pupilas ou íris.

– Acho justo dar a esse menino a chance de se despedir do amor que lhe foi tomado.

– Para quem é a Morte, você é bem diferente do que eu esperava.

– Não tenho por que maltratar um coitado que tentou selar o próprio destino. Eu lhe dei meu conselho duas vezes.

– Logan está vindo me ver?

– Está, criança ansiosa.

Foi a primeira vez que sorri depois da morte dele. A Morte dissipou-se mais uma vez e, junto de sua névoa, me vi naquela avenida, onde ele havia morrido. Mas o carro passou por nós.

– Logan! – gritei, ainda com medo, apesar de saber que aquilo era um sonho.

Ele pareceu desconcertado por alguns segundos, mas pulou sobre mim. Eu sentia seu calor, sentia seu toque como se ainda estivesse vivo. Nos abraçamos tão forte que era como se os nossos corpos fossem se unir em um amalgamado.

– Meu Deus... Consegui. Consegui ver você.

– Me desculpe – não pude falar muito, só consegui começar a chorar.

– Para com isso, eu que peço desculpas... Mas não temos muito tempo...

– Está tudo bem. Morrerei em breve, e então ficaremos juntos.

Ele me soltou e me olhou, incrédulo.

– Como assim?

– É uma longa história. Estou em Nova Danvers State. Marcaram uma cirurgia em meu cérebro, não vão me deixar sair vivo. Mas está tudo bem.

– Lyandre, isso não está nada bem. E a nossa promessa?

– Você morreu! Que promessa?

– Isso não está certo, Lyandre. Eu sei que você sofreu muito, mas...

– Não, você não sabe. Você não viu nada. Você morreu! – gritei.

– E que culpa eu tenho? – ele gritou ainda mais alto. – Eles ameaçaram matar você! Era tudo o que eu queria evitar e você chega e diz que está tudo bem deixar abrirem seu cérebro?

Nunca o havia escutado gritar, Logan sempre havia sido mais centrado do que eu.

– E o que você quer? Vir aqui, como se a nossa vida fosse uma novela, me pedir para que eu viva?

– Eu não planejei uma vida ao seu lado para ver você jogar tudo fora assim.

As lágrimas escorriam de nossos olhos.

– Não faz sentido, não faz sentido continuar vivendo se você teve que morrer desse jeito.

– Lyandre... Você viveu sem mim por tantos anos. Passou por tantas dores antes. Não aja como se fosse dependente de mim assim.

– Você é um baita filho da puta vindo aqui com essa conversa motivacional.

– Posso até ser. Mas não vou abrir mão de você. Se você morrer, eu o mato.

– Logan! Era para eu ter morrido, não você. Você é que era a luz. Sempre fui um suicida.

Me deixa morrer. Me deixa terminar essa vida de merda.

Ele me olhou como se eu houvesse dito o maior absurdo de todos. E riu.

– Você acha que eu era a luz? Então nunca se olhou no espelho. A luz para mim era o menino que, apesar de apanhar e de ser chacota todos os dias, ainda levantava e se defendia. O menino que queria virar médico para ajudar crianças como a irmã doente. E o menino que lutava para defender o namorado covarde. Você tinha sua própria luz, apenas não deixou que a vissem. E mais do que isso, você não quis ver.

Não consegui dizer nada, apenas chorava.

– Lyandre, você não faz ideia do quanto me salvou... Não deixe essa luz sumir tão cedo do mundo, por favor.

Ele me abraçou, e eu soube que aquilo era um adeus.

– Viva. Se ainda não puder viver por você, faça isso por nós.

E, quando abri os olhos, naquela cama ruim, tive uma certeza: essa era a última chance que teria. Precisava fugir de Nova Danvers State.

UM ELIXIR DE LÁGRIMAS

Olhar para o passado é como caminhar em uma casa cujos corredores são labirintos. Foi impossível não olhar para trás enquanto escrevia, lia, pesquisava. Afinal, quando você fita o abismo, ele te olha de volta.

O abismo traz à tona as dores internas. E é tão escuro e frio que esquecemos que dentro de nós há luz também. Quando quis escrever sobre o suicídio, também olhei nos olhos um dos meus maiores traumas. Isso também significou arranjar dentro de mim uma luz maior do que a escuridão desse meu abismo.

Quando abro essas portas, sempre encontro uma Lia mais jovem, como falei, a garota do olho de abismo, e todas às vezes em que essa Lia chegou a considerar o suicídio como uma verdadeira opção. E este trabalho é por nós duas. Espero que, ao me trazer neste trabalho, eu possa ajudar pessoas a encontrarem essa chama que carrego na mão, que me guia para um pouco mais a frente e me faz olhar para a vida.

Contemplando esse final de uma etapa tão importante, a finalização do curso de Escrita Criativa, lembro também que quase desisti dele. Mas acredito que aconteceu comigo algo que acontece ou acontecerá com todos os escritores: a escrita veio me buscar. Não adiantaria me encaixar na Letras ou na Psicologia, porque a escrita viria me buscar de qualquer jeito. É parte de quem sou.

Se me perguntarem a respeito deste trabalho, será inevitável não olhar para o abismo uma outra vez. Mas, observando todas essas memórias, direi com todas as letras:

Eu sou uma escritora.

E sou egoísta também. Me apaixonei pela vida, e agora quero viver para sempre.

E palavras são eternas.

REFERÊNCIAS

BERTOLETE, José Manoel. **O suicídio e sua prevenção**. São Paulo: Editora Unesp, 2012.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

DURKHEIM, Émile. **O suicídio estudo de sociologia**. Tradução de Andréa Stahel M. São Paulo: EDIPRO, 2014.

FOUCAULT, Michel. Prefácio. In: CANGUILHEM, Georges; DERRIDA, Jaques. MAJOR, René; ROUDINESCO, Elisabeth. **Leituras da história da loucura**. Tradução de Maria Ines Duque Estrada. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.

MATOS, Lenilson Silva. **A importância da literatura para o desenvolvimento humano em sociedade**. Brasília: Universidade de Brasília, 2017.

ORGANIZAÇÃO Mundial da Saúde (OMS). Disponível em: <https://www.who.int/eportuguese/countries/bra/pt/>. Acesso em: 15 set. 2021.

ORGANIZAÇÃO Pan-Americana da Saúde (OPAS). Disponível em: <https://www.paho.org/pt/topicos/suicidio>. Acesso em: 3 nov. 2021.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. **Literatura para todos**. São Paulo: Editora da USP, 2006.

PUFF, Sandra Bernardes. **Dentro da Redoma de vidro: o duplo no romance de Sylvia Plath**. Florianópolis: UFSC, 2010.

SOLOMON, Andrew. **Um crime da solidão reflexões sobre o suicídio**. Tradução de Berílio Vargas. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.